

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Pedro Gilberto Gomes: A tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto

PÁGINA 07 | Muniz Sodré: A interação humana atravessada pela mediatização

PÁGINA 09 | José Luiz Braga: Mediatização: a complexidade de um novo processo social

PÁGINA 13 | Jairo Ferreira: Dispositivos midiáticos e processos sociais: um debate sobre a mediatização

PÁGINA 16 | Antonio Fausto Neto: “A mediatização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim”

PÁGINA 19 | Daniel Dayan: A mídia como instrumento de interpretação do mundo

PÁGINA 21 | Dênis de Moraes: Outros jornanismos, outra comunicação

B. Destaques da semana

» Livro da Semana

PÁGINA 26 | Bernardo Veiga: A razão como facilitadora do diálogo inter-religioso

» Entrevista da Semana

PÁGINA 29 | Rodrigo Guéron: Produção imaterial como o centro da produção política

» Destaques On-Line

PÁGINA 32 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Perfil Popular

PÁGINA 35 | Sergio Rodriguez

» IHU Repórter

PÁGINA 37 | Rodolfo José Meyer Miranda



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

A tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto

Pedro Gilberto Gomes identifica a ocorrência de um processo de superação da existência individual para o estabelecimento de um corpo coletivo por intermédio da rede comunicacional

POR GRAZIELA WOLFART

Para Pedro Gilberto Gomes, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, “a tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto. Este patamar, muito embora tenha raízes no progresso anterior, representa a constituição de uma nova ambiência social”. Esta é a tese que ele defende na entrevista que concedeu, por e-mail, para a revista **IHU On-Line**. Ao refletir sobre a presença do tema “mídia-tização” na pesquisa universitária, Pedro Gomes alerta para o fato de que “a visão da academia ainda é setorial, perdendo a dimensão da complexidade, do pensamento sistêmico”. E explica: “Para se dimensionar corretamente a realidade de uma sociedade em mídia-tização, impõe-se a consideração sistêmica da sociedade. Isso muda substancialmente a produção e reprodução do conhecimento”.

Pedro Gilberto Gomes é graduado em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e especialista em Teologia, pela Universidade Católica de Santiago, no Chile. Mestre e doutor em Comunicação, pela Universidade de São Paulo (USP), atualmente é professor e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos. Ele é padre jesuíta.

Pedro Gilberto Gomes é autor de diversas obras, das quais destacamos *Filosofia e ética da comunicação na mídia-tização da sociedade* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006), *Comunicação e governabilidade na América Latina* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008) e *Mídia-tização e processos sociais na América Latina* (São Paulo: Paulus, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Em outra entrevista que nos concedeu, o senhor considera que está surgindo um novo modo de ser no mundo representado pela mídia-tização da sociedade. O caracteriza esse “novo modo de ser”?

Pedro Gilberto Gomes - Este novo modo de ser no mundo está relacionado com o fato de que, hoje, as novas gerações já são nativas digitais. Muito mais do que antes, somos seres em comunicação global. Este é um modo de ser em rede comunicacional. Há um processo, pode-se dizer, de superação da existência individual para o estabelecimento de um corpo coletivo. Estamos em vias de construir, no dizer de Joel Rosnay,¹ um super-cérebro pla-

netário. Ou, na linguagem de Teilhard de Chardin,² estamos nos aproximando rapidamente a um estágio de evolução

2 Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955): paleontólogo, teólogo, filósofo e jesuíta, que rompeu fronteiras entre a ciência e a fé com sua teoria evolucionista. O cinquentenário de sua morte foi lembrado no Simpósio Internacional Terra Habitável: um desafio para a humanidade, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos de 16 a 19-05-2005. Sobre Chardin, confira o artigo de Carlos Heitor Cony, publicado nas *Notícias do Dia* do site do IHU (www.unisinos.br/ihu), de 16-06-2006, “Teilhard: o fenômeno humano. O jesuíta foi precursor do que foi chamado de evolucionismo cristão”. A edição 140 da **IHU On-Line**, de 09-05-2005, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Teilhard de Chardin: cientista e místico*. Confira, ainda, as entrevistas “Chardin revela a cumplicidade entre o espírito e a matéria”, publicada na edição 135, de 05-05-2005, e “Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry”, publicada na edição 142, de 23-05-2005, ambas com Waldecy Tenório. Na edição 143, de 30-05-2005, George Coyne concedeu a entrevista “Teilhard e a teoria da evolução”. (Nota da **IHU On-Line**)

pela constituição da noosfera.

IHU On-Line - Por que o senhor considera a mídia-tização como um salto qualitativo no modo de construir sentido social e pessoal?

Pedro Gilberto Gomes - Ela é um salto qualitativo porque representa um estágio superior do qual não há volta. Assim como a invenção do alfabeto foi um salto qualitativo com respeito à oralidade e a eletricidade com respeito ao vapor, a tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto. Este patamar, muito embora tenha raízes no progresso anterior, representa a constituição de uma nova ambiência social.

IHU On-Line - Em que medida a ambiência da mídia-tização interfere na

1 Joël Rosnay: escritor científico e biólogo molecular francês, pesquisador no Massachusetts Institute of Technology, nos EUA. (Nota da **IHU On-Line**)

universidade? Como o senhor avalia que a academia tem lidado com essa questão em relação à produção e à reprodução de conhecimento?

Pedro Gilberto Gomes - Interfere de modo substancial, pois coloca o desafio de sua reinvenção. Isto é, depois de oito séculos, a universidade encontra-se na encruzilhada que lhe coloca diante da escolha: permanecer como está, fazendo modificações periféricas, ou se reinventar para dialogar com o mundo novo que está surgindo. Ou melhor, mundo novo que está se gestando. Muito embora a academia tenha formado as pessoas responsáveis pela construção dessa nova realidade, a mediação não faz parte do objeto de seu estudo. A explicação pode residir no fato de que, para ela (e para nós), o problema se circunscreve à realidade dos dispositivos tecnológicos de comunicação. A visão da academia ainda é setorial, perdendo a dimensão da complexidade, do pensamento sistêmico. Para se dimensionar corretamente a realidade de uma sociedade em mediação, impõe-se a consideração sistêmica da sociedade. Isso muda substancialmente a produção e reprodução do conhecimento. Implica em questionar o conceito de produção, de reprodução e de conhecimento.

IHU On-Line - Em que sentido o processo da mediação nos ajuda a entender a comunicação como manifestação da autoridade?

Pedro Gilberto Gomes - Creio que o problema vai mais além da manifestação da autoridade. Esse é um processo que envolve todo o tecido social. Ele cria uma rede de informação e comunicação, constituindo uma rede de interrelações que aumenta a responsabilidade e inclui toda a sociedade. Existe uma diluição do exercício da autoridade. Talvez se devesse falar de manifestação de autoridade coletiva. É claro que o processo de mediação pode proporcionar elementos e condições para que haja uma vigilância mais forte por parte daqueles que exercem o poder de polícia na sociedade. Nesse caso, deve-se atentar para a violação da privacidade das pessoas. Entretanto,

sou de opinião que o processo de mediação coloca-nos em outra ambiência social.

IHU On-Line - Quais as expectativas em relação ao Mutirão de Comunicação, que acontece em julho deste ano, em Porto Alegre? Quais os temas que não podem passar despercebidos?

Pedro Gilberto Gomes - O Mutirão de Comunicação³ irá tratar da comunicação para uma cultura solidária. Logo, a relação entre a comunicação e a construção da solidariedade deve estar na pauta das discussões. No meu modo de ver, o Mutirão deve apontar para essa realidade que está se confi-

**“A sociedade está
vivendo um processo
de complexificação cada
vez maior, agora com
o concurso de uma
tecnologia sempre
mais sofisticada”**

gurando com a mediação. Não seria prudente ignorar esse fato e tratar o problema como se fosse uma questão de dispositivos tecnológicos ligados à dimensão econômica e política. Ele não pode ressuscitar problematizações da década de 1970. A realidade avançou e nos sobrepassou.

IHU On-Line - A mediação nos ajuda a pensar a comunicação em uma cultura de solidariedade?

³ Mutirão de Comunicação América Latina e Caribe: evento que acontecerá de 12 a 17 de julho de 2009, no centro de eventos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O objetivo geral do Mutirão é promover espaços de diálogo sobre os processos de comunicação à luz da cultura solidária, na construção de uma sociedade comprometida com a justiça, a liberdade e a paz. Maiores informações no site www.muticom.org. (Nota da IHU On-Line)

Pedro Gilberto Gomes - Ela nos coloca condições para pensar uma cultura de solidariedade. Como afirmava McLuhan,⁴ vivemos a idade da angústia, onde ninguém mais pode alegar desconhecer os problemas que nos afligem. Nesse sentido, a consciência dos problemas coloca desafios para sua resolução. Interpela cada ser humano para que se engaje na construção de uma sociedade solidária. Sim, existem condições para uma participação maior de toda a sociedade no equacionamento dos problemas que padece.

IHU On-Line - Uma pergunta que o senhor mesmo lançou em uma entrevista que nos concedeu: que sociedade latino-americana está surgindo a partir da mediação?

Pedro Gilberto Gomes - Essa é a interrogação que nos desafia e nos remete à pergunta sobre os temas do Mutirão. O foco deve ultrapassar a preocupação pelo uso que a sociedade faz ou fará da mídia e dirigir-se para o descobrimento do tipo de sociedade que está surgindo, está se estruturando por causa do processo de mediação da sociedade. A resposta ainda está em construção. Ou seja, ainda estamos tentando identificar o modo de ser social que daí emerge. Não há uma resposta ainda, pois o processo está no início.

IHU On-Line - Como entender que a mediação possibilita uma visão unificada da sociedade?

Pedro Gilberto Gomes - A sociedade está vivendo um processo de complexificação cada vez maior, agora com o concurso de uma tecnologia sempre mais sofisticada. Teilhard de Chardin afirmava que tudo o que sobe converge. Há uma convergência em direção de uma maior unidade. O processo de mediação social está estendendo uma imensa rede sobre o planeta, unificando vidas e compartilhando conhecimentos.

⁴ Herbert Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). (Nota do IHU On-Line)

“Aqui está o paradoxo: unificação social, com o exacerbamento do individualismo religioso”

IHU On-Line - E em relação ao cenário religioso, que tipo de religião o senhor acha que está emergindo da mídia?

Pedro Gilberto Gomes - Corremos o risco de desenvolver uma religião individualista, com um consumo *a la carte*. As pessoas criam laços de participação através do consumo. É uma religião da imagem, dos gestos, com grandes possibilidades de bloquear a introspecção, a dimensão do silêncio e da participação comunitária. Aqui está o paradoxo: unificação social, com o exacerbamento do individualismo religioso.

IHU On-Line - Quais as implicações da midiatização das experiências religiosas no contexto da sociedade plural e diversa em que vivemos?

Pedro Gilberto Gomes - Como afirmei acima, há um paradoxo: individualismo e unidade. Numa sociedade plural, a midiatização favorece o relativismo da experiência religiosa. Cada um constrói a sua vida religiosa a partir do mosaico de todas as religiões às quais tem acesso.

Entretanto, esse fato, longe de nos apavorar, deve desafiar-nos a buscar respostas que preencham o vazio que muitas pessoas possuem em suas vidas.

LEIA MAIS...

>> Pedro Gilberto Gomes já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira o material na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu)

* *O impacto da midiatização na sociedade latino-americana*. Publicada nas Notícias do Dia, de 31-08-2008;

* *Processo de midiatização: da sociedade à Igreja*. Publicada nas Notícias do Dia, de 19-10-2007;

* *A crise ética da comunicação nasce do impasse ético contemporâneo*. Publicada na IHU On-Line número 109, de 02-08-2004.

A interação humana atravessada pela midiatização

Muniz Sodré acredita que está se gerando uma nova ecologia simbólica, com consequências para a vida social

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO DIVULGAÇÃO

Conhecido pela máxima de que “antes da midiatização da sociedade só Deus tinha o poder imediato, global e instantâneo”, o jornalista Muniz Sodré define o fenômeno da seguinte maneira: “Midiatização (...) é a articulação do funcionamento das instituições sociais com a mídia”. Para ele, trata-se de algo realmente novo, “fruto das transformações nos modos de urbanização e no advento das tecnologias da informação e da comunicação, vetorizadas pelo mercado capitalista”. Na entrevista que segue, concedida por e-mail para a IHU On-Line, Sodré defende que a expressão “sociedade da informação” é “menos do que um conceito e mais um slogan dos arautos (empresas, deslumbrados etc.) da euforia tecnológica”. Ele considera que a principal consequência social da “telerrealização das relações humanas” é a “redefinição dos modos de constituição da comunidade humana”. E acrescenta que “a corporeidade tende a ser neutralizada pelos dispositivos tecnológicos”, o que, na sua opinião, não é nenhuma catástrofe, “tão só um novo modo de instalação do corpo humano na rede social, agora tecnologizada”.



Muniz Sodré de Araújo Cabral é jornalista, sociólogo e tradutor brasileiro, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Escola de Comunicação. Possui graduação em Direito, pela Universidade Federal da Bahia, mestrado em Sociologia da Informação e Comunicação, pela Université de Paris IV (Paris-Sorbonne), e doutorado em Letras (Ciência da Literatura), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde obteve também o título de Livre-Docente em Comunicação. Atualmente, é também presidente da Fundação Biblioteca Nacional, órgão vinculado ao Ministério da Cultura. Possui cerca de 30 livros publicados nas áreas de Comunicação e Cultura, dentre os quais citamos *Sociedade, mídia e violência* (Porto Alegre: Sulina, 2004) e *As estratégias sensíveis — afeto, mídia e política* (Petrópolis: Vozes, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor afirma que “antes da midiatização da sociedade só Deus tinha o poder imediato, global e instantâneo”. Acredita que a mídia tenha tanta força assim, com capacidade para mudar profundamente a vida das pessoas e o rumo da sociedade?

Muniz Sodré - Afirmar o efeito SIG (simultaneidade, instantaneidade e

globalidade) da mídia não implica, em princípio, afirmar a sua capacidade de mudança profunda da vida das pessoas ou do rumo da sociedade. Implica, sim, sustentar que a aceleração temporal, por intervenção tecnológica nas coordenadas do espaço-tempo, altera modos de percepção e práticas correntes na mídia tradicional, logo, altera com-

portamentos e atitudes na esfera dos costumes, normalmente pautados pela mídia. Isto significa que está se gerando uma nova ecologia simbólica, com consequências para a vida social.

IHU On-Line - O que caracteriza o *ethos* midiaticizado?

Muniz Sodré - O *ethos* é a atmosfera afetiva (emoções, sentimentos, atitudes) em que se movimenta uma determinada formação social. O *ethos* midiaticizado caracteriza-se pela manifesta articulação dos meios de comunicação e informação com a vida social. Ou seja, os mecanismos de inculcação de conteúdos culturais e de formação das crenças são atravessados pelas tecnologias de interação ou contato. Passamos a acreditar naquilo que se mostra no espelho industrial.

IHU On-Line - Em que medida podemos entender a midiaticização como fruto da sociedade da informação?

Muniz Sodré - “Sociedade da informação” é menos do que um conceito, é mais um slogan dos arautos (empresas, deslumbrados etc.) da euforia tecnológica. Toda e qualquer sociedade sempre teve os seus meios de informação e de estocagem de conhecimentos. O que acontece agora é a capacidade exponencial de processamento e velocidade de circulação de dados. Midiaticização, por sua vez, é a articulação do funcionamento das instituições sociais com a mídia. Isto, sim, é novo. É fruto das transformações nos modos de urbanização e no advento das tecnologias da informação e da comunicação, vetorizadas pelo mercado capitalista.

IHU On-Line - O que podemos entender por “tecno-interação” e como ela ajuda a compor o fenômeno da midiaticização?

Muniz Sodré - Em função das transformações urbanísticas (novos conceitos de cidade, novas formas de habitação etc.), os indivíduos tendem a se relacionar à distância, compondo o que já se chamou de “telerrealidade” social. A interação passa a depender dos dispositivos de mídia (internet, rádio, televisão etc.), portanto, é visceralmente atravessada pelo fenômeno da midiaticização.

“A interação passa a depender dos dispositivos de mídia (internet, rádio, televisão etc.), portanto, é visceralmente atravessada pelo fenômeno da midiaticização”

IHU On-Line - Quais as consequências sociais da “telerrealização das relações humanas”?

Muniz Sodré - A principal é a redefinição dos modos de constituição da comunidade humana. A corporeidade — logo, as tensões e os conflitos decorrentes da proximidade no corpo coletivo — tende a ser neutralizada pelos dispositivos tecnológicos. Não há aí nenhuma catástrofe, tão só um novo modo de instalação do corpo humano na rede social, agora tecnologizada.

IHU On-Line - Como a midiaticização e a tecnocultura impactam no modelo de leitura usado nos últimos séculos? O senhor pensa que a leitura em papel está em extinção?

Muniz Sodré - A questão do livro e da leitura ultrapassa hoje tanto a lógica financeirizada da produção — responsável pela publicação em massa da perversão dos conteúdos livrescos — quanto as concepções de leitura ancoradas na centralidade simbólica do livro, que, no entanto, está dando lugar a formas múltiplas ou plurais de leitura. A leitura do futuro, que já é hoje, se define, para nós, como um processo de interação entre linguagens e culturas diversas, existentes não apenas nos livros, mas na casa e na rua, no trabalho e na política, possibilitando o

exercício da palavra, dando voz às minorias, sem o que não há cidadania.

IHU On-Line - O senhor acredita que os avanços e as mudanças tecnológicas já chegaram a todas as partes do mundo, inclusive os países em desenvolvimento, onde muitos ainda vivem em situação de extrema pobreza e miséria? Há democracia e inclusão por igual nesse sentido?

Muniz Sodré - Não há democracia, nem inclusão digital por igual. No entanto, uma sociedade do conhecimento com viés instrutivo implica uma ligação visceral da cidadania com as novas formas públicas de cultura que, agora, deixam de centralizar-se no livro para irradiar-se por sons e palavras, graças às tecnologias da comunicação, a todo o espaço social. Quem está de fora dos novos modos de ler e escrever é tido como excluído do mundo do trabalho e da cultura. Daí, a exigência histórica de que a escola, cada vez mais necessária para os pobres (já que os ricos fazem a sua integração quase que “naturalmente”, graças ao ambiente familiar e social), se redefina a partir de um horizonte cultural mais interativo, incluindo jovens e adultos no exercício de interação social, constituído pelas tecnologias da informação e, consequentemente, pelas novas práticas de escrita e leitura.

IHU On-Line - Com o imediatismo da informação, o espaço de tempo para a reflexão sobre os fatos acabou. Quais as consequências disso para a formação da sociedade do futuro?

Muniz Sodré - A reflexão sobre os fatos demanda uma temporalidade menos acelerada, ou seja, o “tempo adiado”, a que se refere Paul Virilio¹ em vários

¹ Paul Virilio: urbanista e filósofo francês, nascido em 1932. Estuda e critica efeitos perniciosos da velocidade nas relações sociais contemporâneas, desde os seus reflexos no processo cognitivo até suas implicações na política. É autor, entre outros, de *Guerra pura* (São Paulo: Brasiliense, 1984), *O espaço crítico* (Rio de Janeiro: Editora 34, 1993), *A máquina de visão* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1994), *Velocidade e política* (São Paulo: Estação Liberdade, 1996), *A bomba informática* (São Paulo: Estação Liberdade, 1999) e *Ville panique* (Paris: Galilée, 2004). Reproduzimos duas entrevistas com Virilio sobre o seu livro *Ville Panique*, uma na 108ª edição da IHU On-Line, de 05-07-2004, outra na 136ª edição, de 11-0-04-2005. Dele, também publicamos outra entrevista na 95ª edição da IHU On-Line, de

“A reflexão é cada vez
mais necessária à
reinterpretação
continuada da
democracia”

de seus trabalhos. É o tempo necessário à distância entre sujeito e objeto, que permite a reflexão. E a reflexão é cada vez mais necessária à reinterpretação continuada da democracia. Vale, assim, reforçar a idéia de John Dewey,² para quem um estado democrático em crise não sugere, como pensa a grande maioria, doses maiores de democracia formal, e sim uma reflexão centrada na idéia de democracia. O que há de especial nesta ênfase é que a democracia deixa de ser vinculada unicamente à política, já que esta última passaria a ser apenas uma das formas democráticas. Para Dewey, a democracia se encontra muito mais no fato e na experiência sociais do que na dimensão política: na medida em que transcende o Estado, configura-se como um modo de vida ou uma ideia/força. Neste sentido, a ideia de democracia está sempre destinada a ser revisitada, reinventada e reinterpretada. Considerando-se essa ideia como vetor vigoroso, imediatamente surgem em questão lugares, ações e posturas a serem investigadas pelo prisma da efetiva partilha e igual compartilhamento. Dentre eles, evocam-se o lugar da informação e o acesso aos bens culturais. Este viés é particularmente relevante nos dias atuais, quando os sistemas produtores de informação estão cada vez mais regidos pelo concentracionismo e a grande maioria dos públicos relegada ao papel de consumidor de mensagens.

05-04-2004. (Nota da IHU On-Line)

2 John Dewey (1859-1952): filósofo e pedagogo norte-americano. É reconhecido como um dos fundadores da escola filosófica de pragmatismo (juntamente com Charles Sanders Peirce e William James), um pioneiro em psicologia funcional, e representante principal do movimento da educação progressiva norte-americana durante a primeira metade do século XX. (Nota da IHU On-Line)

Midiatização: a complexidade de um novo processo social

Para o professor José Luiz Braga, são as demandas da sociedade que provocam os avanços tecnológicos e não o contrário

POR GRAZIELA WOLFART

Para pensar sobre a influência da mídia na sociedade, em nossas vidas, e no processo de midiatização, um ponto é crucial: o elemento crítico. E esse é o foco que o professor José Luiz Braga, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, privilegiou na entrevista que concedeu pessoalmente para a IHU On-Line. Ao falar sobre o debate acerca da midiatização na pesquisa acadêmica, Braga identifica que, “de uma forma ou de outra, o tema da midiatização da sociedade aparece como preocupação em todos os programas de pós-graduação em comunicação, no sentido de contemplar o estudo da mídia no seu contexto, na sociedade, como elemento de transformação, como um desafio, um processo”. Para Braga, as transformações sociais em função da mídia não acontecem em decorrência das inovações técnicas, como se os avanços tecnológicos é que levassem a essa ou àquela mudança. Mas, explica ele, “o avanço tecnológico é socialmente determinado”. E continua: “Ao invés de pensar a transformação como uma incidência passiva da tecnologia na sociedade, percebo-a como a efervescência de invenções das pessoas no uso da tecnologia”.

Jose Luiz Warren Jardim Gomes Braga é doutor em Comunicação, pela Université de Paris II, Institut Français de Presse, e mestre em Educação, pela Florida State University. Foi pesquisador em TV Educativa no Instituto de Pesquisas Espaciais (Projeto Saci) e presidente da COMPÓS (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) de 1993 a 1995. É autor de, entre outros, *A sociedade enfrenta sua mídia – dispositivos sociais de crítica midiática* (São Paulo: Paulus, 2006) e um dos organizadores de *Midiatização e processos sociais na América Latina* (São Paulo: Paulus, 2008). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a questão da midiatização aparece nas pesquisas universitárias?

José Luiz Braga - O estudo da mídia acabou se tornando um núcleo da discussão comunicacional. Há quem defina o campo comunicacional como a disciplina que estuda a mídia. Eu não defino dessa maneira. Acho, entretanto, que o que caracteriza o comunicacional é uma preocupação com os fenômenos

da interação humana. De qualquer modo, percebo que, aí, a midiatização da sociedade é um elemento central. Independente da perspectiva com que se olhe a mídia — e há vários olhares, muito diferenciados —, esse é um objeto consensual. Embora tudo o mais se discuta, ninguém vai dizer que não interessa estudar a mídia. Na pesquisa universitária brasileira, nós já avançamos no sentido de não dar foco

excessivo aos meios de comunicação. Hoje falamos da mídia em termos de *processos*. Não se trata de negar o “meio”, mas perceber que há processos mais difusos, a partir da mídia, que precisam ser observados. Então, a questão da midiatização aparece hoje fortemente. Precisamos desentranhar o que há de comunicação nos diversos campos do conhecimento; não separar em disciplinas, segundo a visão positivista, mas desentranhar. E a midiatização parece ser o lugar em que esse desentranhamento pode ser feito. De uma forma ou de outra, o tema da midiatização da sociedade aparece como preocupação em todos os programas de pós-graduação em comunicação, no sentido de contemplar o estudo da mídia no seu contexto, na sociedade, como elemento de transformação, como um desafio – um processo, justamente.

IHU On-Line - Qual a origem do termo “midiatização” e há quanto tempo ele vem sendo usado?

José Luiz Braga - É difícil datar o surgimento do termo. Começa-se a falar na palavra “midiatização”, às vezes, significando simplesmente a forte presença da mídia na sociedade. O que antecede essa expressão é a palavra “midiática”, a partir da ideia de que vivemos em uma sociedade midiatizada ou midiática. Essa ideia parte de uma ação da mídia sobre a sociedade. O foco em midiatização como objeto central de estudo é bem recente, dos últimos dez, doze anos. A midiatização, ou processos midiáticos, que é como denominamos nossa área de concentração no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Unisinos, abarca processos que acontecem mesmo quando não estamos diante da mídia. A midiatização não acontece só quando se está produzindo e se está recebendo informação. Um exemplo seria o seguinte: você sai do cinema e, quando encontra seus amigos e sua família e fala sobre o filme, continua no âmbito da midiatização. Da mesma maneira aconteceu com o livro. Nós vivemos ainda no mundo da escrita, independente de estarmos diretamente trabalhando com materiais escritos.

IHU On-Line - O senhor pode explicar em que sentido vê a midiatização como um processo interacional de referência?

José Luiz Braga - É um desafio definir e pensar o que seria midiatização ou comunicação em uma perspectiva macro. Em uma perspectiva micro é relativamente simples. Temos processos sociais que já existiam sem a mídia e, portanto, as interações ocorriam fora de qualquer interferência midiática. Aos poucos, esses processos passam a ser midiatizados, perpassados pela mídia. Por exemplo, o carnaval no Rio de Janeiro. Ele se organiza como festa de rua. Num determinado momento, começa a ser mostrado. E, num outro momento ainda, ele se organiza em função da mídia. Os eventos passam a se organizar segundo o olhar midiático. Houve, então, uma midiatização.

“A midiatização (...) abarca processos que acontecem mesmo quando não estamos diante da mídia”

Do ponto de vista social geral, a partir daí percebo a midiatização como processo interacional de referência. Isso permite evitar a ideia de substituição. Sob um viés apocalíptico, ouvimos que a mídia está eliminando a escrita e que esta será substituída. Já a visão integrada ou deslumbrada pode dizer que a escrita “já era”, é linear, não tem profundidade, é cartesiana, racionalista, formal, fechada e que, felizmente, temos agora os grandes meios eletrônicos. As duas visões são simplistas. Os novos processos sociais caracterizam grandes mudanças, mas isso não significa que destroem ou salvam alguma coisa. Significa que trazem outros problemas e outra sistemática social. Os outros modos continuam a existir. Por exemplo, a escrita não eliminou a oralidade. Então, a midiatização como processo interacional de referência transfor-

ma os demais processos, mas mantém espaços de oralidade e de escrita. A escola é essencialmente uma instituição do livro. E, no entanto, ela é um espaço de oralidade, caracterizado pelo processo de referência, que é o livro. Quanto à midiatização, esta vai se tornando hoje o processo de referência para as interações – mas devemos assinalar que isso ainda está em curso, com lacunas e desafios.

IHU On-Line - Considerando o poder e a força de influência da midiatização, em que sentido ela provoca mudanças no âmbito da cultura e da política? Que mudanças poderiam ser citadas aqui a partir dos últimos avanços tecnológicos?

José Luiz Braga - Em relação aos avanços tecnológicos, eu gostaria de destacar uma questão lateral. Parto da perspectiva de que o processo não é mera da tecnologia, como se o avanço tecnológico é que determinasse essa ou aquela mudança. Creio que o avanço tecnológico é algo socialmente determinado. Não aparece uma tecnologia desenvolvida por um inventor que está fora do mundo, fora da sociedade. São as demandas da sociedade que provocam o avanço. Não é a mídia, a televisão, que cria uma sociedade nova. É uma sociedade caracterizada por diversos eventos que precisa de processos interacionais novos, porque os atuais não conseguem dar conta do que está em efervescência. Isso determina a criação tecnológica. É claro que a tecnologia, uma vez criada, começa a ser usada para outras coisas. Afinal, já que temos algo novo, o que podemos fazer com isso? Então, o primeiro aspecto é que a sociedade tem necessidade de viver da tecnologia. O segundo aspecto seria que é ainda a sociedade que pega uma tecnologia inventada e diz “vamos fazer isso ou vamos fazer aquilo”. São fenômenos que não estavam implicados no próprio gesto da invenção e, portanto, não estão implicados na tecnologia. É claro que há um terceiro aspecto: a tecnologia é autopoietica; começa a se gerar a si mesma. Começa-se a inventar tecnologia por tecnologia. E aí eu venho com as perspectivas interacionais. É a inte-

racionalidade que inventa a tecnologia. A força do interacional é usar a mídia para fazer coisas que não eram possíveis fazer antes. Estamos em uma fase em que somos “aprendizes de feiticeiro”. A “feitiçaria”, que é a tecnologia, está inventada, e a sociedade aceleradamente inventa coisas. E não falo de descobrir, mas de inventar mesmo. A internet e os blogs são o exemplo mais óbvio disso. O jornalismo colaborativo é outro exemplo de uma invenção que a sociedade criou usando a tecnologia da internet como “matéria-prima”. Ao invés de pensar a transformação como uma incidência passiva da tecnologia na sociedade, percebo-a como a efervescência de invenções das pessoas pelo uso da tecnologia.

IHU On-Line - Atualmente, nós dispomos de dispositivos sociais que nos auxiliam na realização de uma crítica midiática?

José Luiz Braga - Sim, existem dispositivos sociais para uma crítica da mídia. Mas, no que se refere à mídia, nenhum chegou ao nível imponente dos dispositivos sociais do livro. Não existe nada comparável à escola com relação à mídia. E eu vejo a escola como o dispositivo social de interação referente ao livro. No entanto, há uma porção de dispositivos em relação à mídia também. Infelizmente, alguns já estão desaparecendo, como os cineclubes, onde o público se reunia para debater sobre os filmes assistidos no cinema. Outros dispositivos são, por exemplo, o ombudsman e as cartas do leitor, para que a crítica seja feita pela própria sociedade.

IHU On-Line - O senhor vê a sociedade brasileira e latino-americana acionando críticas da sua mídia? De que formas essa crítica se manifesta?

José Luiz Braga - De forma muito incipiente e circunscrita. É apenas um grupo de pessoas e nem sempre são letrados. São indivíduos que, por alguma razão, demonstram um interesse que ultrapassa o que a mídia mostra. Num estudo que eu fiz sobre as cartas do leitor, percebi o quanto

esse dispositivo de crítica é decepcionante, apesar das altas expectativas positivas que ele gerava em termos de crítica. As pessoas geralmente não conseguem perceber a mídia. Ela é transparente, as pessoas só veem os

“Com a midiaticização, além dos processos da escola, da escrita e da oralidade, surgem novos processos, com os quais nós temos que aprender a lidar. Não dá para definir *a priori* o que é adequado e o que não é, porque, junto com os meios, surge a preocupação educacional do uso que se fará deles e como se pode aprender com eles. Os considerados ‘pobres de escola’ aprendem a usar os novos meios para superar as lacunas de aprendizagem deixadas pela escola”

assuntos que estão sendo tratados. Mesmo assim, dá para selecionar alguns comentários que criticam a mídia e são tipicamente concretos, que é o que importa. Não são críticas genéricas à imprensa, mas algo bem

pontual, do tipo “você foram tendenciosos na cobertura de tal fato”, ou “você não estão cumprindo o papel ético que deveriam cumprir”.

IHU On-Line - Quais seriam os processos de aprendizagem adequados em uma sociedade de interação midiaticizada?

José Luiz Braga - Com a midiaticização, além dos processos da escola, da escrita e da oralidade, surgem novos processos, com os quais nós temos que aprender a lidar. Não dá para definir *a priori* o que é adequado e o que não é, porque, junto com os meios, surge a preocupação educacional do uso que se fará deles e como se pode aprender com eles. Os considerados “pobres de escola” aprendem a usar os novos meios para superar as lacunas de aprendizagem deixadas pela escola. Aqui na América Latina, esse processo é muito mais interessante do que na Europa, que tem uma escola muito mais rigorosa. Então, definir o adequado é complicado quando não sabemos muito bem o que temos em mãos. É por isso que eu coloco a crítica como processo de aprendizagem. Se não posso definir de antemão em que a mídia é adequada, um espaço possível de aprendizagem é o acionamento, em situações concretas de dispositivos críticos. O papel da escola é estimular esses dispositivos, praxiologicamente fazendo sua crítica, para ver como eles podem ser menos simplórios e canhestros, estimulando o seu desenvolvimento.

IHU On-Line - Que relações podem ser estabelecidas entre comunicação e educação quando o assunto é midiaticização e a influência da mídia na vida das pessoas?

José Luiz Braga - As interfaces entre a Educação e a Comunicação não implicam necessariamente “cooperação”, mas também tensionamento. Os processos também se desenvolvem pelo tensionamento. A aprendizagem ultrapassa o âmbito da escola e entra num nível não controlado, que é o campo da mídia, onde se aprende de tudo, para o bem ou para o mal. O problema aqui é a ausência de contro-

le, que não se pode fazer por hierarquia ou autoridade. O controle, nesse caso, viria da crítica. A produção de TV Educativa mostra o quão delicada é essa relação entre comunicação e educação. Não se trata apenas de problemas práticos, mas de visões completamente diferentes e de como superar isso. O trabalho educacional é o de enfrentar diretamente a delicadeza dessas questões. Devemos trabalhar o tensionamento, ao invés de tentar “resolvê-lo”, no sentido de colocá-lo para debaixo do tapete. A dificuldade de trabalhar em harmonia acontece porque os objetivos, os processos e as lógicas da educação e da comunicação são diferentes. Trata-se de construir algo novo, para trabalhar uma aprendizagem que não será totalmente controlada pela escola. Estamos na área da invenção social, onde aprendizagem e socialização estão integradas.

IHU On-Line - E, ainda dentro dessa discussão sobre as relações entre comunicação e educação, como o senhor vê o fenômeno da Wikipédia, considerando-a como um instrumento de aprendizagem não apenas disponível na mídia, mas construído permanentemente nela e de forma coletiva pela sociedade?

José Luiz Braga - Esse é um exemplo muito interessante. Ele mostra a transmissão de um conhecimento, que não é mais preestabelecido, dicionarizado. É uma dessas experiências de articulação entre comunicação e aprendizagem que é absolutamente fundamental, mesmo sendo uma invenção em curso. Há riscos de aprendermos algo lá que seja insustentável, porque podemos acessar a Wikipédia em um momento em que determinado conteúdo não corrigido ainda estava lá, e é possível que amanhã de manhã já tenha saído. Não podemos esperar que toda a população está checando tudo, o tempo todo. Mas, quando percebemos os riscos, podemos trabalhar melhor com eles. Todos os campos de aprendizagem são tentativos, mesmo os mais tradicionais, como a sala de aula, pois não sabemos quais serão os modos segundo os quais cada estudante se apropriará do conheci-

mento recebido. Teremos uma diversidade de interpretações em todos os cenários em que vivemos. Como escapamos da idiossincrasia individual? Como não somos radicalmente diferentes um do outro? Do ponto de vista

“A mídia aqui tende a ser mais superficial, porque os dispositivos críticos são mais frágeis. No caso da Europa, eles são muito mais competentes. Estou convencido de que, na Europa, a qualidade do sistema geral é mais coerente. Não basta criticar a produção da mídia e imaginar que um dia isso pode resolver os aspectos insuficientes de escolarização do receptor e gerar uma discussão social do sistema de resposta produtiva”

social, o que nos faz pertencer a uma mesma realidade? Em perspectiva comunicacional, creio que construímos uma realidade comum porque interagimos, testamos constantemente com os outros a nossa interpretação.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza a midiatização na América La-

tina? De quais processos sociais ela se compõe?

José Luiz Braga - Um aspecto que temos que levar sempre em conta em termos de América Latina é o fato de que nós viemos de uma situação marginal do mundo da escrita. Isso faz uma diferença porque os processos sociais não fazem tabula rasa dos processos anteriores; a midiatização contemporânea surge no mundo da escrita. E nós somos menos do mundo da escrita do que o mundo europeu. Na América Latina, somos marcados pela oralidade, inclusive no mundo da academia. Digo isso para situar qual é o cenário latino-americano que entra em processo de midiatização. Ele entra com algumas vantagens e algumas desvantagens. Uma das vantagens favorece a televisão. A imagem não pede alfabetização. É um meio capaz de falar a todos diretamente e pode até ser usado para alfabetizar. Entre as desvantagens, lembro que o livro foi responsável no mundo europeu por processos de racionalidade que estão na base do pensamento político e democrático. É a escrita que realiza a separação necessária para a crítica. Eu só posso criticar se separo, se distingo. E esse é um problema na América Latina. A mídia aqui tende a ser mais superficial, porque os dispositivos críticos são mais frágeis. No caso da Europa, eles são muito mais competentes. Estou convencido de que, na Europa, a qualidade do sistema geral é mais coerente. Não basta criticar a produção da mídia e imaginar que um dia isso pode resolver os aspectos insuficientes de escolarização do receptor e gerar uma discussão social do sistema de resposta produtiva. Temos de trabalhar em todos os níveis. Jesús Martin-Barbero, quando insiste na necessidade de observarmos o receptor, traz uma proposta muito latino-americana. Ele fala da importância de entender as mediações segundo as quais o receptor interpreta os meios. A Europa não pensaria nisso. De minha parte, creio que mais um passo seria dado pelo estudo das circulações sociais que os espectadores e usuários acionam após sua recepção — justamente através de um desenvolvimento dos dispositivos críticos.

Dispositivos midiáticos e processos sociais: um debate sobre a mediação

Para Jairo Ferreira a normatividade das instituições está em jogo nos processos de intersecção com os dispositivos e de comunicação

POR GRAZIELA WOLFART

Ao comparar a realidade midiática do Brasil com os demais países latino-americanos, o professor Jairo Ferreira indica como diferença o fato de que “em outras sociedades da América Latina o ‘monopólio da fala’ está mais creditado ao Estado, e, no Brasil, ao mercado discursivo-midiático, sendo esse mesmo mercado um operador e transformador daquilo que chamamos de Estado e da própria sociedade”. Na opinião do professor, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, os discursos midiáticos não se “dobram” a narrativas e argumentações orgânicas das instituições e dos campos sociais. Eles têm como característica central “a mobilização de novas narrativas e argumentações, criando um espaço polêmico, típico de um mercado discursivo não oligopolizado e/ou monopolizado”. E, continua ele, “não fazem isso porque querem, ou têm boas intenções, mas porque isso é a forma de ‘sobrevivência’ da instituição midiática num mercado discursivo competitivo, característico da formação sócio-discursiva brasileira”.

Jairo Ferreira é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Formado em Jornalismo e em Ciências Econômicas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é mestre em Sociologia e doutor em Informática na Educação pela mesma instituição, com sanduíche nos Arquivos Jean Piaget e na Unidade de Tecnologias Educacionais da School of Psychology and Education, University of Geneva. Organizou os livros *Cenários, teorias e epistemologias da comunicação* (Rio de Janeiro: E-papers, 2007), com Eduardo Vizer; *Mídias e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação* (São Paulo: Paulus, 2007), com Fausto Neto, José Luiz Braga e Pedro Gilberto Gomes, e *Mediação e processos sociais na América Latina* (São Paulo: Paulus, 2008). Atua principalmente nos seguintes temas: epistemologia, mediação, dispositivos, campos das mídias e circulação. Confira a entrevista.

IHU On-Line - De forma geral, o que podemos entender por mediação? O que caracteriza essa nova “ambiente” em que as novas tecnologias se tornam meios de comunicação também?

Jairo Ferreira - Podemos iniciar pelo final da pergunta, ou seja, que processo é este em que “as novas tecnologias se tornam meios de comunicação”. Esse processo vem desde a antiguidade. Para compreendermos a comunicação, os conceitos de técnica e tecnologia devem ser integrados ao de dispositivos. Os dispositivos de comunicação são acoplamentos e operações entre processos de interação social, linguagens, técnicas e tecnolo-

gias. Ilustro. Esta revista é um dispositivo. Embora eu tenha respondido a esta entrevista há alguns dias, estamos aqui “falando com o leitor”, portanto, interagindo com ele. Aqui, neste caso de interação, a técnica mobilizada é a entrevista – o roteiro conforme a pauta configurada em outro dispositivo (linha editorial e agenda da **IHU On-Line**), as formas de desenhar as colunas, os títulos, as fotografias, as

letras etc. A linguagem está desenhada pelos códigos escritos, e sua aderência às dimensões interpretativas. Temos então, até aqui, dois pólos explicativos do que consideramos mediação: os dispositivos de comunicação e midiáticos, e os processos sociais. Os acoplamentos e operações dos dispositivos incidem sobre os processos sociais em geral, incluindo as ações e interações, ao mesmo tempo

“Para compreendermos a comunicação, os conceitos de técnica e tecnologia devem ser integrados ao de dispositivos”

em que são afetados por estratégias e apropriações constituídas em outras esferas do social.

Os processos de comunicação

O terceiro pólo que mobilizamos para a análise da mediação são os processos de comunicação, abrangendo, também, as interações e ações comunicativas. Nessa esfera, há um constante processo de reelaboração de valores, normas, enfim, aquilo que, no campo da comunicação, condensamos como produção social de sentido. É, portanto, o lugar focal do problema comunicacional. A diferença está em que, na área da comunicação, quando se estuda a mediação, esse lugar focal requisita, para ser entendido, uma nova epistemologia, irredutível às ciências sociais clássicas, às ciências da linguagem e mesmo à arte. O problema da mediação está localizado nessas relações “entre” essas três esferas: primeira, a dos processos sociais (analisados pela sociologia, antropologia, psicologia social, ciência política, economia etc.); segunda, a dos processos de comunicação, onde são fundamentais os conceitos de conversa, ação comunicativa, estratégias, linguagens; terceira, a dos dispositivos. As interseções entre essas três esferas se referem aos processos em que um determinado pólo atua sobre as relações dos outros dois. Assim, as relações entre processos sociais e processos de comunicação são, cada vez mais, interseccionadas pelos processos acionados sobre os dispositivos midiáticos. O conceito de ambiência é uma contribuição para adotarmos uma posição que compreenda que o “novo” que surge aí é irredutível às suas partes, e não é passível de ser subtraído de suas relações.

IHU On-Line - Quais são os principais focos de estudo dos processos da mediação?

Jairo Ferreira - A compreensão da mediação a partir das relações entre processos sociais e dispositivos decorre de discussões já desenvolvidas no campo acadêmico da comunicação.

Assim, os processos sociais aparecem no debate do campo acadêmico da comunicação a partir de perspectivas que requisitam as contribuições de teorias sociais de diversas origens (sociologia, a psicologia, a antropologia, filosofia, as teorias do signo etc.). Aqui, o comunicólogo, necessariamente, entra em contato com conhecimentos que estão sendo produzidos em outros campos acadêmicos, que nem sempre tem como ponto de partida o problema comunicacional ou midiático. Os conceitos de indivíduo, sujeito, ator, agente, sociedade, instituição, interações, mercados, valores, condutas, subjetividade, cognição, inconscien-

“É importante verificar as afetações da mídia sobre as configurações dos indivíduos não apenas em seus papéis sociais, mas (...) em suas mobilizações psicológicas”

te, consciência, ideologia, estrutura, linguagem etc., que mobilizamos, são oriundos dessas reflexões. Essas formulações permitem superar leituras ingênuas sobre os processos sociais. Assim, a comunicação e a “mídia” são entendidas como subordinadas ao problema da distinção das classes, dos capitais, da construção dos sujeitos, dos atores, de suas condições de existência etc. A reflexão teórica e conceitual sobre essas incidências permite ver como os processos sociais e discursivos capturam as relações de comunicação.

A apropriação desses conhecimentos pelo campo acadêmico da comunicação visa um lugar próprio, de reconhecimento diferenciado em termos de van-

tagens no mercado acadêmico. Aqui, o fato de que tais apropriações sejam produzidas no âmbito de pesquisas experimentais sobre as “mídias” alimenta um processo de vantagens comparativas, cada vez maiores, relativamente às teorias sociais, da linguagem e filosofia de produzidas em outros campos acadêmicos e disciplinas. Nessas correlações, particularmente importantes no campo acadêmico da comunicação são os estudos de caráter empírico-experimental, em que conceitos e teorias que abordam as relações das “mídias” com a comunicação são diferenciados, agora, em produção, consumo, circulação midiáticas, como lugares específicos de produção de novos processos sociais, ao mesmo tempo em que interseccionados por esses.

O esforço do campo acadêmico da comunicação, no estudo da mediação, deve ser, em nosso entendimento, superar naturalizações dos nomes “meios”, “mídias”, quando não de termos mais vagos ainda (aparatos, suportes etc.). Nesse sentido, o esforço teórico sobre a mediação requisita, um conjunto conceitual próprio do campo acadêmico da comunicação sobre o que é termo de origem do conceito de mediação (ou seja, algo em ação através das “mídias”). O foco que estamos desenvolvendo é o de dispositivos (Ferreira, 2006), sem querer, com ele esgotar outras dimensões em debate (meios, suportes e mídia, inclusive), mas remetendo a elas.

IHU On-Line - O que marca a transformação da “sociedade dos meios” para a “sociedade mediada”?

Jairo Ferreira - Para se compreender a sociedade mediada, é necessário realizar um movimento epistemológico: parte-se da identificação da autonomia dos fluxos de sentido midiáticos, lugar de onde passa a se observar o “peso explicativo” das condições exógenas (discursos orgânicos e condições de existência das instituições observadas, atores sociais, interações etc.). Esta inversão de objeto corresponde a uma inversão teórica: se desloca o problema de sua constituição a partir das heranças teóricas para

questões específicas do campo da comunicação. Sociedade dos meios e sociedade midiaticizada, nesse sentido, são conceitos e teorias que correspondem a angulações epistemológicas. Para muitos, a sociedade dos meios continua a existir. Pretende-se, nesse caso, que a mídia esteja subordinada às condições de existência (capitais econômicos, políticos e culturais, por exemplo) e aos discursos orgânicos de poder (hegemonia discursiva de frações ou classes sociais), como pressupostos para a crítica e análise dos fluxos discursivos midiáticos. Já a existência da sociedade midiaticizada é correlata à identificação do problema da circulação de sentido produzido na esfera midiática.

IHU On-Line - Pode falar brevemente sobre qual é a tese central do livro *Midiatização e processos sociais na América Latina*? Em que sentido a midiaticização interfere na forma brasileira e latino-americana de se constituir enquanto sociedade?

Jairo Ferreira - A questão diferencial predominante está relacionada à configuração do mercado discursivo. No caso brasileiro, os fluxos de sentidos originados em uma diversidade de estratégias, capitais e competências discursivas disputam a construção social sem que uma instituição específica possa monopolizar ou oligopolizar os processos de sanções, concessões, regalias, no que se refere ao sentido. São diversas as instituições, e, dentro delas, os atores envolvidos na disputa. Minha percepção é de que nas outras formações sociais discursivas da América Latina há um conjunto de instituições que ainda possui uma força de oligopólio em termos de produção social de sentido. Também na perspectiva dos mercados discursivos são sociedades onde a herança “pré-mercantil” é mais forte. Isso não significa que, no Brasil, os capitais, as competências discursivas e os processos regulatórios na distribuição de acessos, concessões e regalias sejam democráticos, emancipados e cooperativos, mas sim que as “leis do mercado” identificadas pela crítica marxista regulam esse merca-

do. Mas, ao contrário do que pensa o marxismo clássico, não se trata de uma regulação das condições de existência que predomina, mas de processos próprios à produção de sentido que intervêm. Ou seja, essa interferência e interseção são da sociedade do mercado. É a partir das lógicas dos mercados discursivos que se manifestam as condições de existência de atores e instituições, suas competências discursivas, interferindo nas configurações dos dispositivos de comunicação e midiáticos, em interseção com os processos de comunicação. A diferença, em outras sociedades da América Latina, estaria em que o “monopólio da fala” está mais creditado ao Estado, e, no Brasil, ao mercado discursivo.

“Esse extravasamento, mobilizações e acoplamentos entre indivíduo psicológico e dispositivos midiáticos parecem centrais hoje”

sivo, sendo esse mesmo mercado um operador e transformador daquilo que chamamos de Estado e da própria sociedade.

IHU On-Line - Que tipo de repercussão e de consequência o fenômeno da midiaticização provoca em nossa sociedade, nos atores sociais e nos processos gerais de nosso cotidiano?

Jairo Ferreira - As interferências e interseções devem ser estudadas experimentalmente, mobilizando-se o método científico moderno. Mas temos algumas “abduções”, a partir dos processos formativos em que temos participado. Por exemplo, identificamos que a questão central para agentes sociais das instituições de segurança pública (policiais civis, militares, guardas municipais), na relação com a

mídia, é a interferência desta nos processos técnico-normativos da polícia. Assim, afirmam que todas as normas que aprendem em suas academias são “quebradas” nas interações com a “mídia”; dizem, ainda, que as políticas públicas estão reguladas pelo discurso midiático (definição pela mídia de focos de violência, ações reativas e espetaculares etc.). Generalizando, poderíamos afirmar a hipótese de que a normatividade das instituições está “em jogo” (em crise?) nos processos de interseção e interferências dos dispositivos midiáticos, em termos de ações e de discursos.

Discursos midiáticos x discursos orgânicos

Os discursos midiáticos não se “dobram” a narrativas e argumentações orgânicas. Têm, como característica central, a mobilização de novas narrativas e argumentações, criando um espaço polêmico, típico de um mercado discursivo não oligopolizado e/ou monopolizado. Não fazem isso porque querem, ou têm boas intenções, mas porque isso é a forma de “sobrevivência” da instituição midiática num mercado discursivo competitivo, característico da formação sócio-discursiva brasileira. Mas, até esse momento, estamos falando de instituições. Essa relação entre discursos midiáticos e discursos orgânicos das instituições, afetando as práticas, ações e interações sociais, deve, em nossa perspectiva, ser observada no sentido de como isso ocorre num plano das interações e ações sociais, especialmente discursivas, mais próximas ao que as ciências sociais estudaram como o nível psicológico. Ou seja, é importante verificar as afetações da mídia sobre as configurações dos indivíduos não apenas em seus papéis sociais, mas, além dessas, e articuladas, em suas mobilizações psicológicas. Esse extravasamento, mobilizações e acoplamentos entre indivíduo psicológico e dispositivos midiáticos parecem centrais hoje, como foco de retomada reflexiva das relações entre processos sociais, de comunicação e “mídia”.

“A midiaticização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim”

Antonio Fausto Neto acredita que a midiaticização produzirá impactos muito interessantes também nos ambientes acadêmicos, os quais vão se preparar com outros equipamentos teóricos e analíticos para dar conta de suas manifestações

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO DIVULGAÇÃO

Na visão do professor Antonio Fausto Neto, a midiaticização pode ser conceituada como “a emergência e o desenvolvimento de fenômenos técnicos transformados em meios, que se instauram intensa e aceleradamente na sociedade, alterando os atuais processos socio-técnico-discursivos de produção, circulação e de recepção de mensagens”. Fausto Neto considera que a midiaticização “produz mutações na própria ambiência, nos processos, produtos e interações entre os indivíduos, na organização e nas instituições sociais”. E resume: “Trata-se de ascensão de uma determinada realidade que se expande e se interioriza sobre a própria experiência humana, tendo como referência a própria existência da cultura e da lógica midiáticas”. Essas e outras declarações ele fez na entrevista que concedeu para a **IHU On-Line** por e-mail.

Antonio Fausto Neto é professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Possui graduação em Jornalismo, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mestrado em Comunicação, pela Universidade de Brasília (UnB), doutorado em Sciences de La Communication et de L'information, pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, da França, e pós-doutorado, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, é também consultor da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e professor colaborador da Universidade de Santa Cruz do Sul. É autor de vários livros, entre os quais citamos *Desmontagens de sentidos – Leituras de discursos midiáticos* (João Pessoa - PB: Ed. Universitária UFPB, 2001), e co-organizador de *Midiaticização e processos sociais na América Latina* (São Paulo: Paulus, 2008). Confira a entrevista.



IHU On-Line - De que forma o senhor conceitua “midiaticização”?

Antonio Fausto Neto - Trata-se da emergência e do desenvolvimento de fenômenos técnicos transformados em meios, que se instauram intensa e aceleradamente na sociedade, alterando os atuais processos socio-técnico-discursivos de produção, circulação e de recepção de mensagens. Produz mutações na própria ambiência, nos processos, produtos e interações entre os indivíduos, na organização e nas instituições sociais. Grosso modo, trata-se de ascensão de uma determinada realidade que se expande e se interioriza sobre a própria experiência humana, tendo como referência a própria existência da cultura e da lógica midiáticas.

IHU On-Line - E o que entende por “analítica da midiaticização”?

Antonio Fausto Neto - Este conceito foi utilizado num determinado contexto no qual procuramos dar sequência à observação empírica sobre as manifestações da midiaticização, no caso, as práticas discursivas midiáticas. Segundo nossa hipótese, o que caracteriza, hoje, o funcionamento das mídias é um determinado modelo de enunciar realidades e que se define como uma espécie de “ato analítico”, que é centrado em suas próprias operações, como possibilidade de produzir inteligibilidade sobre o real. Trata-se de um dispositivo interpretativo próprio que enfatiza mais as suas operações que realiza para construir leituras do mundo, do que levar em conta as res-

sonâncias de outras práticas de sentido. Analítica, neste sentido, porque se mostra, e se faz, através de um “programa de leitura”, cuja enunciação se faz a partir de uma forma de dizer que se engendra nas fronteiras do próprio sistema das mídias. Interessante é que “franjas” desta analítica ultrapassam as fronteiras do próprio campo que o engendra, na medida em que incidências de suas manifestações se disseminam nas diferentes práticas sociais, necessariamente não midiáticas, como as de natureza religiosa, política, educativa, associativa, familiar etc.

IHU On-Line - Como pensa que esse fenômeno repercute sobre as práticas acadêmicas desenvolvidas nas universidades e nos PPGS de ensino

e de pesquisa da comunicação midiática? E como ele é estudado e analisado nesses ambientes?

Antonio Fausto Neto - Por se tratar de um fenômeno em processualidade, ele se torna um tema “emergente” no ambiente acadêmico, especialmente nos programas de pós-graduação, alguns mais jovens e que já nascem com áreas de concentração e linhas de pesquisas definidas segundo determinadas peculiaridades. Neles, os estudos comunicacionais migram de influências articuladas com a tradição de modelos de ciências sociais, observando-se a existência de processos analíticos e observacionais já cristalizados e que se voltam mais para “dar razão” às teorias, propriamente ditas, do que se examinar, de outra forma, fenômenos tão complexos, e cujos registros são, em muitas situações, apenas incipientes. Mas devemos agregar a este aspecto o fato de que a midiatização irrompe com celeridade há pouco tempo, no nosso planeta e mesmo em países mais avançados. Os estudos e a pesquisa acadêmica enfrentam seus primeiros movimentos. Isso significa dizer que a midiatização produzirá impactos muito interessantes também nos ambientes acadêmicos, os quais vão se preparar com outros equipamentos teóricos e analíticos para dar conta de suas manifestações. Isso nos parece muito bom, pois o ensino universitário terá de organizar seus currículos e programas de pesquisas a partir de demandas muito particulares, como, por exemplo, aquelas das quais serão portadores os próprios jovens, enquanto atores que estarão vivendo a midiatização na própria pele.

IHU On-Line - De que maneira a crescente autonomia do campo das mídias impõe transformações nos “contratos” e nos vínculos entre estruturas de produção e recepção de discursos midiáticos?

Antonio Fausto Neto - Como dissemos em outros textos, a midiatização também engendra seus próprios limites. O fato de vivermos sob a égide do conexismo faz com se origine um certo descentramento de “lugares de fala”. E o que se observa é o fato da portabilidade tecnológica produzir dois

efeitos complexos. Ou traz o receptor para o centro dos processos produtivos midiáticos, ou faz migrar para novas buscas de meios e de protocolos de consumo, abandonando velhos pactos de fidelização com antigas mídias. Ou seja, coloca-se uma reformulação radical nos processos de interação, entre os meios e seus consumidores. Os primeiros diante da iminência de “processos de solidão” buscam reconstituir os contatos com seus usuários segundo novos contratos que misturam motivações comerciais e estratégias

“O fato de vivermos hoje em uma nova ‘plataforma de sentidos’ que desloca para o problema da circulação de mensagens a eficácia do processo comunicacional torna indissolúvel o laço social que se forma a partir deste fenômeno”

de leituras. Os segundos, os leitores, são chamados a se “educar” para as mídias na medida em que para eles estar precisam ter um conhecimento, ainda que “espasmódicos” dos seus processos produtivos. Portanto, a autonomia é relativa, na medida em que produtores e receptores de mensagens se encontram hoje mais em “zonas de transformação de discursos” do que necessariamente “reclusos” em suas próprias fronteiras como até então entendíamos emissores e receptores de mensagens.

IHU On-Line - Como a midiatização pode gerar novas formas de cooperação entre as políticas acadêmicas e as políticas de ciências e de tecnologia focadas na área de comunicação?

Antonio Fausto Neto - Alguns aspectos devem ser comentados: o fato de vivermos hoje em uma nova “plataforma de sentidos” que desloca para o problema da circulação de mensagens a eficácia do processo comunicacional torna indissolúvel o laço social que se forma a partir deste fenômeno. Diria até que os protocolos através dos quais se estabelecem as políticas de campos sociais — como as relações entre o campo científico e outros campos — se engendram tomando como referência postulados da midiatização, aspecto que sejam a hibridação de competências rituais, postulados, lógicas de discursos. Mais e mais vemos cientistas falando de temas “opacos” — ou complexos — na tribuna das mídias, sem necessariamente se colocarem como “vulgarizadores científicos”, mas “socializados” pelas lógicas dos processos midiáticos. Agora mesmo, estou trabalhando as relações entre a “vida em laboratórios” e a “vida midiática” examinando as relações entre cientistas e comunicólogos, tomando como referência instituições para quem esta problemática se apresenta. Questões muito valiosas aparecem aí e que são típicas dos tempos em que estamos vivendo, e que não poderiam aparecer mesmo quando se inventou a história do “jornalismo científico”.

IHU On-Line - O senhor acredita que a midiatização aponta um avanço e uma possibilidade de construção de novas estratégias para a produção do conhecimento?

Antonio Fausto Neto - A pergunta situa bem, pois fala em novas estratégias e não em uma estratégia central. Isso me faz pensar na multiplicidade de revistas editadas por núcleos editoriais que desdobram diferentes disciplinas em conteúdos. Não se trata de uma motivação apenas comercial face à natureza dos mercados emergentes. Trata-se de um problema que faz uma tensão e que diz respeito à existência de um ambiente progressivamente interdiscurso. A isso é o que

chamo viver em “zonas de transformações”, na medida em que a enunciação parece não ter mais origem e fim, mas que se desdobra em camadas de falas, discursos, pareceres, dissolvendo competências de campos. Perguntar-se-ia não só como se pronuncia a ciência, mas como ela hoje produz efeitos de sua coerência e de sua consistência em meio a “ordens de discursos” que roubam, dentre outras coisas, a autoralidade, a protagonização do próprio discurso científico? Esta é uma questão que serve como um grande “caldo de cultura” para a produção de currículos, de estudos e protocolos de cooperação da pesquisa; das mutações da vida laboratorial etc.

IHU On-Line - Quais as principais transformações no âmbito do jornalismo a partir do fenômeno da passagem da “sociedade dos meios” para a “sociedade midiaticizada”? O que muda no discurso jornalístico?

Antonio Fausto Neto - Muitas mutações e que talvez não possam ser abordadas neste espaço de uma entrevista, mas acho que duas ou três observações, parecem vitais: o modelo de auto-reflexividade do jornalismo que desloca o jornalista de sua curiosidade pelo mundo, centrando-o nas propriedades dos seus próprios ambientes; o enfraquecimento do seu “poder de enunciar” na medida em que tais processos produtivos passam cada vez mais para as mãos de muitos; a solicitação de novos objetos a serem enfrentados, enquanto reflexão sobre práticas jornalísticas nos próprios ambientes de trabalho, mas também nos próprios ambientes de formação, como é o caso da universidade.

IHU On-Line - Em que sentido a midiaticização fomenta mudanças de uma “enunciação representacional” para uma “enunciação de auto-referenciação” midiática? Quais as consequências sociais deste processo?

Antonio Fausto Neto - Recupero a alcinha de um autor norte americano, Nicolas Negroponte,¹ para quem este

mundo no qual cada um edita suas próprias notícias estaria criando não apenas processos de enquadramentos interpretativos muitos peculiares, mas também uma espécie de “eu diário”. Queria dizer, dentre outras coisas, que a autonomia que a mídia e nós mesmos gozamos, para mover-nos visando construir nossas inteligibilidades, faz com que reduzamos a compreensão do mundo às nossas próprias auto-referências. Significa a perda da “pugna com a diferença” e a emergência da sociedade da desatenção.

“A autonomia que a mídia e nós mesmos gozamos para mover-nos visando construir nossas inteligibilidades faz com que reduzamos a compreensão do mundo às nossas próprias auto-referências”

IHU On-Line - Como o senhor aplica o processo de midiaticização ao cenário religioso brasileiro?

Antonio Fausto Neto - Talvez o Brasil seja o país no qual mais o campo religioso tem permeado suas práticas pela presença de operações de mídia. Este fato tem a ver com vários fatores intrínsecos à vida das instituições, mas, sobretudo, o fato do exercício da vida religiosa se organizar em torno de algo que chamamos um novo e complexo mercado discursivo no qual se travam disputas de sentido nas quais a noção de crença é redesenhada a complexos dos fundadores do Media Lab, o laboratório de multimídia do Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde atualmente é professor. Também assina a coluna da revista *Wired* e é muito reconhecido no universo da informática. É considerado brilhante e caracteriza seus conceitos no seu famoso livro *A vida digital*. (Nota da IHU On-Line)

processos de experimentação. Penso que a “economia do sensível” promovida pela emergência de linguagens, técnicas e operações midiáticas, favorece uma nova “cultura do contato” e que se expande até mesmo nos rituais onde o contato estaria a serviço do “contrato”, este enquanto ofertador das condições sobre as quais organizávamos nossas possibilidades de crer. Hoje, crer não requer abstração, na medida em que a vida midiática une de formas totalmente novas o profano e o sagrado.

IHU On-Line - Qual a força da influência da midiaticização no sentido de transformação da vida das pessoas, principalmente quando envolve crença e pertença religiosa?

Antonio Fausto Neto - Não há respostas consensuais, na medida em que as diferentes lógicas com que os indivíduos sinalizam suas relações com estes fenômenos apontam para processos heterogêneos através dos quais se lida com estas complexidades. Sem dúvida que processos de afetações se passam, lado a lado, nas interações reunindo práticas religiosas e fiéis. São fenômenos que apontam para as tais “zonas de transformações” que me faz pensar numa espécie de enunciação que se expande. Por isso, acho que, a despeito dos protocolos de leitura da mídia e sobre os quais organizamos nosso modo de contar o mundo serem eficazes e produzirem sentidos (embora não saibamos quais, necessariamente), engrossamos, mesmo com ônus (como a indiferença e a desatenção gerada por estes processos), outros processos complexos de produção de sentido, com que fazemos valer nossa existência e o nosso modo de compreender. A midiaticização produz mais incompletudes do que as completudes pretendidas, e é bom que seja assim.

LEIA MAIS...

>> Antonio Fausto Neto já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Elas estão disponíveis na nossa página eletrônica (www.unisinos.br/ihu)

* *Descentramento do lugar do jornalismo*. Edição número 254, de 14-04-2008, intitulada *Mídia livre? A democratização da comunicação*;

* *As relações entre mídia e política no espaço público*. Edição número 202, de 30-10-2006, intitulada *Mídia e política*.

¹ Nicholas Negroponte (1943): cientista norte-americano, formado em Arquitetura e um

A mídia como instrumento de interpretação do mundo

Na opinião do professor francês Daniel Dayan, a midiatização interfere de forma positiva na cultura democrática ao criar uma opinião pública informada, e de forma negativa ao criar uma opinião pública fabricada

POR GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO LUCIANA CAVALHEIRO

“Uma vez que cada um de nós não pode nem conhecer o mundo, nem mesmo nossa própria sociedade, nós somos reduzidos a imaginar com os meios que as mídias nos dão. E estes meios de imaginar o mundo são confiáveis?” Quem faz essa reflexão e lança esta pergunta é o pesquisador francês Daniel Dayan, diretor de pesquisa no Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS), de Paris. Na entrevista que aceitou conceder por e-mail para a revista IHU On-Line, Dayan considera ser essencial que a instituição do jornalismo sobreviva e se reforce. Mas, para isso, continua ele, “esta instituição deve continuar credível, o que está longe de ser o caso”. “Como fugir, então, das diferentes patologias do jornalismo?”, dispara. Para Dayan, a maior parte das guerras contemporâneas “são ganhas não em campo de batalha, mas nas telas. No campo de batalha só se consegue vitórias. Nas telas ganham-se as guerras e conquistam-se as opiniões públicas”.

Daniel Dayan é diretor de pesquisa no Centro Nacional de Investigação Científica (CNRS), de Paris, membro do Marcel Mauss Institute (École des Hautes Études en Sciences Sociales) e professor de Sociologia da Mídia na Universidade de Genebra. Tem diplomas de Antropologia, Literatura Comparada, Semiótica e Estudos Filmicos pela Stanford University, Sorbonne e École des Hautes Études en Sciences Sociales, na qual se doutorou em Estética. Seus livros mais recente são *La Terreur-Spectacle: terrorisme et television* (Paris: De Boeck, 2006) e *Televisão: das audiências aos públicos* (com J.C. Abrantes) (Lisboa: Livros Horizonte, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que relação o senhor estabelece entre informação e espetáculo na mídia?

Daniel Dayan - Em princípio nenhuma. Ao menos não nas mídias visuais. Os dois termos têm um valor normativo e se contradizem. A informação é boa, o espetáculo, mau. Penso que se trata de uma oposição um pouco ultrapassada, levando a gesticulações inúteis. Como demonstra Hannah Arendt,¹ em

¹ Hannah Arendt (1906-1975), filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém – Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas. 2004) e *O*

sua noção de “aparecer em público”, todo ato político é espetáculo. Trata-se então, não de extinguir os espetáculos da cidade, como Platão² ex-

sistema totalitário (Lisboa: Publicações Dom Quixote.1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975*, ambas disponíveis para download no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). Nas Notícias do Dia de 01-12-2006 você confere a entrevista “Um pensamento e uma presença provocativos”, concedida com exclusividade por Michelle-Irène Brudny para nosso sítio. (Nota da IHU On-Line)

² Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A república* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira a entrevista “As implicações éticas da cosmologia de Platão”, concedida pelo filósofo Prof. Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006. Está em preparação uma edição especial da IHU On-Line sobre

tinguia os poetas, mas de julgá-los, avaliá-los, sabendo pertinentemente que são espetáculos. Quais são, então, os vícios e as virtudes destes espetáculos que chamamos por convenção de “informações”?

IHU On-Line - Qual a diferença entre um acontecimento social e um acontecimento midiático?

Daniel Dayan - Não há, doravante. É raríssimo que um acontecimento social não se torne um acontecimento midiático, salvo em um regime totalitário. Todavia, não se pode esquecer a tese de Boorstin.³ Alguns acontecimentos são *também* midiáticos. Outros acontecimentos são *somente*

esse filósofo, a ser publicada em breve. (Nota da IHU On-Line)

³ Daniel Boorstin: historiador e sociólogo americano, autor de *The image: a guide to pseudo-events in America* (New York, Athenaeum, 1987). (Nota da IHU On-Line)

mediáticos (os pseudo-acontecimentos). Mas estes últimos se tornaram crucialmente importantes. O atentado de 11 de setembro fora concebido para ser um acontecimento mediático. Os mortos do terrorismo servem geralmente de autenticadores, ou de “efeitos reais”. Eles são o que permite aos acontecimentos mediáticos adquirirem uma dimensão social, e de atravessar, assim, as grades do “gatekeeping”.⁴

IHU On-Line - Em que medida a midiatização interfere na cultura democrática?

Daniel Dayan - Para o bem, criando uma opinião pública informada. Para o mal, criando uma opinião pública fabricada. É preciso distinguir aqui entre uma função da *informação* das mídias, e uma função de *sinalização* das mídias. A segunda é raramente discutida, mas essencial.

IHU On-Line - Quais as consequências de vivermos em uma cultura midiática?

Daniel Dayan - A midiatização da cultura e a cultura midiática são duas coisas diferentes. Além disso, existem simultaneamente várias culturas e várias formas de midiatizar. Como demonstra Appadurai,⁵ é esta multiplicidade que define nossa ecologia cultural.

IHU On-Line - A mídia realmente tem tanta força para fazer transformações tão profundas em nossa sociedade?

Daniel Dayan - Sim, mas, para demonstrar isso, é preciso apelar mais para uma argumentação vinda da história do que da psicologia social. Em outros termos, a enormidade do impacto das mídias consegue paradoxalmente torná-lo invisível.

IHU On-Line - Nesse contexto de cri-

⁴ Gatekeeping: conceito jornalístico para edição. Gatekeeper é aquele que define o que será noticiado de acordo como valor-notícia, linha editorial e outros critérios. (Nota da IHU On-Line)

⁵ Arjun Appadurai: antropólogo indiano conhecido pelos seus trabalhos sobre modernidade e globalização. De suas obras, citamos *Dimensões culturais da globalização* (Lisboa: Teorema, 2004). (Nota da IHU On-Line)

se financeira atual, alguns teóricos falam em desglobalização, que há um freio na retórica da globalização. A midiatização ainda teria forças nesse cenário?

Daniel Dayan - A globalização não é simplesmente um caso de retórica e a desglobalização, ao que me parece, uma questão de voluntarismo. Não é um trem do qual se pode descer na próxima parada. As tentativas de desglobalização podem se revelar elas próprias globais.

“É raríssimo que um acontecimento social não se torne um acontecimento mediático, salvo em um regime totalitário”

IHU On-Line - Que relação o senhor estabelece entre o fenômeno da midiatização e a crise financeira internacional? Acredita que a mídia aumenta a crise no sentido de que provoca um sentimento de pânico coletivo?

Daniel Dayan - Há uma relação inevitável desde que a economia repousa sobre um jogo de antecipações da conduta do outro. Deixadas a elas mesmas, as mídias irão evidentemente aumentar a crise e criar pânico. Mas elas podem igualmente adotar o papel que é seu desde as grandes catástrofes: acompanhamento terapêutico da população. Mas este papel pressupõe que se saiba o que fazer.

IHU On-Line - Nesse processo de midiatização, que questões são colocadas ao ser humano do século XXI e que são cruciais para nossa existência?

Daniel Dayan - Uma vez que cada um de nós não pode nem conhecer o mun-

do, nem mesmo nossa própria sociedade, nós somos reduzidos a imaginar com os meios que as mídias nos dão. E estes meios de imaginar o mundo são confiáveis?

IHU On-Line - O que os governos devem levar em conta ao formular políticas públicas a partir das transformações e mutações que a sociedade vem sofrendo em função da midiatização?

Daniel Dayan - Entre as várias áreas a serem consideradas, destaco duas aqui:

1- Os governos devem refletir sobre a deontologia das mídias e sobre as condições nas quais ela pode se exercer. É essencial que a instituição do jornalismo sobreviva e se reforce. Mas, para isso, esta instituição deve continuar credível, o que está longe de ser o caso. Como fugir, então, das diferentes patologias do jornalismo? Meu amigo R. Silverstone escrevia que hoje os jornalistas deveriam ser melhores, superiores a nós nos aspectos intelectual e moral. Concordo com ele. Mas penso que uma grande parte dos problemas encontrados pelo jornalismo deve-se mais à ausência de tal superioridade do que às circunstâncias nas quais os jornalistas trabalham. Cultivando uma ética da convicção, substituída por uma ética da responsabilidade; solicitando-se um relativismo pós-moderno, substituído pelas noções de factualidade ou de verdade, os jornalistas se descredibilizam em nome do que eles acreditam ser suas principais virtudes.

2 - Os governos deveriam poder tirar as consequências de uma realidade que as organizações que os combatem conhecem perfeitamente. A maior parte, se não a totalidade das guerras contemporâneas, são ganhas não em campo de batalha, mas nas telas. No campo de batalha só se consegue vitórias. Nas telas, ganham-se as guerras, conquistam-se as opiniões públicas. É por esta razão que — para usar uma metáfora de Appadurai — as guerras entre os elefantes e os mosquitos se traduzem geralmente pela vitória dos mosquitos.

Outros jornalismo, outra comunicação

Na opinião de Dênis de Moraes, a cultura tecnológica consolidou-se nos marcos da globalização capitalista

“Os países mais ricos e as elites dominantes são os que verdadeiramente desfrutam dos acessos, usos e vantagens do excesso de estímulos impressos e audiovisuais. Portanto, tanto os usos das tecnologias avançadas quanto a propalada ‘diversidade’ são estratificadas e sob controle, não são para todos”, escreve Dênis de Moraes, em artigo enviado à IHU On-Line. Para ele, é impossível ser indiferentes a distorções, mazelas e interdições praticadas pela mídia. “Os principais órgãos de difusão dizem representar a vontade geral, quando, em verdade, espelham prioridades mercadológicas e conveniências políticas, econômicas e ideológicas dos grupos privados que os controlam. Tudo isso em detrimento do interesse coletivo, que deveria ser o ponto central a ser observado, principalmente por veículos que detêm concessões públicas de licenças de rádio e televisão”.

Dênis de Moraes é pós-doutor em Comunicação, pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), e professor do Departamento de Estudos Culturais e Mídia e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Autor, entre outros livros, de *Cultura mediática y poder mundial* (Bogotá: Norma, 2005), é organizador de *Sociedade midiaticizada* (Rio de Janeiro: Mauad, 2006) e *Por uma outra comunicação*, (São Paulo: Record, 2003). Está no prelo, para ser lançado ainda este ano, o seu livro *A batalha da mídia*. Confira o artigo.

A sociedade atual, indiscutivelmente, está mais informada do que a de 30, 40 anos atrás. Isso se deve a um conjunto de fatores, entre os quais a proeminência das tecnologias, particularmente nos campos da comunicação e da difusão cultural. Sob a égide da digitalização, multiplicaram-se os sistemas, formatos, linguagens e meios de transmissão, distribuição, circulação, exibição e consumo de dados, sons e imagens. Da mesma forma, a oferta de conteúdos cresceu de maneira exponencial. As tecnologias digitais favorecem a convergência de redes e plataformas numa linguagem única, viabilizando a geração de produtos e serviços que abarcam as interfaces multimídias.

A cultura tecnológica consolidou-se nos marcos da globalização capitalista. As economias e os mercados interligaram-se em rede, beneficiados pelas desregulamentações e privatizações neoliberais nas décadas de 1980 e 1990. A aceleração tecnológica sem preceden-

“As consequências negativas de uma sociedade estratificada se projetam no usufruto seletivo e privilegiado de informações, saberes e conhecimentos”

tes dinamizou as engrenagens tecnoprodutivas da economia capitalista, com aumento substancial da rentabilidade em escala global. No plano da comunicação, o paradigma digital favoreceu a expansão dos serviços de informação e entretenimento, atraiu players internacionais para negócios em todos os continentes, intensificou transmissões em tempo real e instituiu outras formas de expressão, conexão, sociabilidade e circularidade informativa, sobretudo através da Internet e de redes infoeletrônicas.

Os globalófilos e os neoliberais convictos ou envergonhados proclamam que a humanidade nunca teve tanta “diver-

sidade cultural”. É uma análise parcial e mistificadora. Temos que avaliar quem controla a variedade de oferta, qual é a natureza ideológica de produtos e programações, que margens de pluralismo se observam nos materiais difundidos, quais os seus condicionantes comerciais e mercadológicos, que modalidades de consulta e participação são facultadas às audiências, entre outros quesitos.

Cultura tecnológica, diversidade e exclusão

O quadro é complexo e intrincado. De um lado, há uma profusão de conteúdos industrializados na proporção

exigida por canais multimídias em crescimento contínuo. De outro, há uma inversa concentração das fontes emissoras de tais conteúdos, em sintonia com a meta de ampliar o valor mercantil e os padrões de acumulação e lucratividade dos conglomerados do setor. Se há uma concentração dessas fontes nas mãos de mega-grupos, o que é produzido obedece a uma escala de valores e de visões geralmente restrita às avaliações e conveniências das mesmas fontes controladoras. A “diversidade” apregoada pelos arautos do neoliberalismo está, quase sempre, sob forte controle das fontes de emissão, responsáveis pela mercantilização generalizada da produção simbólica.

Por outro lado, o acesso aos conteúdos é profundamente desigual. Há grave assimetria entre a expansão dos sistemas tecnológicos e a capacidade de inclusão da base da sociedade nos benefícios decorrentes. Os descompassos estendem-se à Internet. Enquanto Estados Unidos e Europa concentram 67% dos usuários, a América Latina, que reúne 8% da população mundial e contribui com 7% do PIB global, conta com pouco mais de 4% do total de internautas.¹

Os países mais ricos e as elites dominantes são os que verdadeiramente desfrutam dos acessos, usos e vantagens do excesso de estímulos impressos e audiovisuais. Portanto, tanto os usos das tecnologias avançadas quanto a propalada “diversidade” são estratificadas e sob controle, não são para todos. Conforme o Mapa das Desigualdades Digitais, no Brasil os 10% mais ricos usufruem até cinco vezes mais dos benefícios da rede do que os 40% mais pobres da população.² Como se deduz, o universo de usuários, por mais que se contem aos milhões, não corresponde à totalidade social, que é paradoxal, desigual e injusta. Totalidade que revela diferentes capitais educacionais, culturais e socioeconômicos. Então, as consequências negativas de uma sociedade estratificada se projetam no usufruto seletivo e privilegiado de informações, saberes e conhecimentos.

¹ Reuters, 28 de março de 2008. (Nota do autor)

² Ver Juliana Anselmo da Rocha, “Mapeada exclusão digital no Brasil”, *Jornal do Brasil*, 7 de agosto de 2007. (Nota do autor)

Efeitos e interferências possíveis no campo jornalístico

O cenário que procurei sintetizar acima provoca uma série de efeitos e impactos na práxis jornalística. Costumo dizer que o jornalismo envolve, ao mesmo tempo, a melhor profissão do mundo e uma das profissões mais problemáticas do mundo. Porque, se nenhuma outra profissão tem a profundidade e a variedade de contatos e trocas com a condição humana como o jornalismo, é forçoso reconhecer que a estrutura empresarial que rege o jornalismo de mercado é profundamente verticalizada e avessa a expressões autônomas e participativas por parte dos jornalistas.

“O jornalismo envolve, ao mesmo tempo, a melhor profissão do mundo e uma das profissões mais problemáticas do mundo”

Os mecanismos de controle crescem enormemente nas empresas de mídia, gerando, como efeito colateral, uma sensível diminuição da possibilidade de interferência autoral dos jornalistas nos produtos e mensagens que elaboram. Resultam daí ambivalências e frustrações. Sem dúvida, há desvios nos processos informativos, provocados, em grande medida, pelo modelo autoritário que rege as relações internas das redações, um modelo intensamente controlador das informações e opiniões veiculadas. Mas a impaciência analítica se manifesta quando só se mede a atividade jornalística por equívocos e manipulações. Trata-se, no caso, de achar que só existe um jornalismo, quando existem jornalismo, no plural. As experiências do jornal *Brasil de Fato*, dos sites *Carta Maior* e *Correio*

da Cidadania e do *Observatório do Direito à Comunicação* têm alguma coisa a ver com o jornalismo do grupo *O Estado de S. Paulo* e das *Organizações Globo*? Evidente que não. Isso não quer dizer, obviamente, que tudo que se faz no jornalismo do grupo *O Estado de São Paulo* e das *Organizações Globo* seja ruim.

O que diferencia *Carta Maior*, *Brasil de Fato*, *Correio da Cidadania* e *Observatório do Direito à Comunicação* é que eles produzem um outro tipo de jornalismo, mais insubordinado e comprometido com a crítica ao capitalismo, ao neoliberalismo e às elites dominantes – vale dizer, ao modo de produção elitista e excludente que serve de lastro a modelos verticalizados como os da maior parte das empresas de comunicação.

Um jornalismo mais plural

Quando tomamos contato com veículos contra-hegemônicos e alternativos, verificamos múltiplos enfoques e interpretações sobre acontecimentos e questões sociais, políticas, econômicas e culturais. É um tipo de jornalismo mais plural, mais inclusivo, não-mercantilizado e permeável às causas comunitárias e populares. E, no entanto, é jornalismo. E as pessoas que fazem essas publicações são jornalistas. Quem dirige essas redações são jornalistas. Insisto que devemos adotar um raciocínio dialético em relação aos jornalistas e pensar sua práxis de uma maneira abrangente. Os modos de atuação dos jornalistas dentro das corporações podem oscilar, seja por suas posturas, habilidades ou alinhamentos, seja pelas múltiplas experiências vividas, seja por nuances ideológicas, programáticas e mercadológicas nas diretrizes empresariais. Não podemos esquecer que, entre os jornalistas da grande imprensa, existem aqueles que tentam explorar brechas, fissuras e fendas dentro dos próprios aparatos. Com efeito, é fundamental não reduzir o jornalismo enquanto atividade complexa e plural ao tipo de jornalismo com o qual estamos em desacordo, que é aquele jornalismo sob controle ideológico das classes dominantes, faccioso, e que neutraliza ou silencia as manifestações do contraditório.

A crítica à mídia é decisiva, impe-

riosa e inadiável. Impossível sermos indiferentes a distorções, mazelas e interdições por ela praticadas. Os principais órgãos de difusão dizem representar a vontade geral, quando, em verdade, espelham prioridades mercadológicas e conveniências políticas, econômicas e ideológicas dos grupos privados que os controlam. Tudo isso em detrimento do interesse coletivo, que deveria ser o ponto central a ser observado, principalmente por veículos que detêm concessões públicas de licenças de rádio e televisão.

Reivindico apenas que tenhamos um olhar abrangente e equilibrado sobre a produção jornalística como um todo. Não percamos de vista que o jornalismo, por definição, é uma atividade que, a despeito de limitações e coerções, tem a ver com a liberdade de expressão e a diversidade, estando em contato privilegiado com a condição humana, a partir de uma relação febril com a realidade social. O fascínio pelo jornalismo está, a meu ver, associado à sua relação com aspirações, vicissitudes e expectativas dos homens concretos, como também à possibilidade de traduzir em textos, sons e imagens os acontecimentos sociais, econômicos, políticos e esportivos, os conflitos humanos, as criações culturais, o entretenimento, os fatos da vida cotidiana etc.

Devemos manter o espírito crítico aceso em relação aos desvios e manipulações cometidas pelos veículos de massa, mas não podemos esquecer que existem outros jornalismo. E quando me refiro a outros jornalismo não estou me referindo apenas ao jornalismo contra-hegemonico em sentido estrito; existem vários outros jornalismo: comunitário, sindical, estudantil... Há revistas e jornais alternativos, sites, portais, rádios e TVs comunitárias, universitárias e educativas, agências de notícias independentes, ONGs, coletivos de produção independente, o jornalismo dos movimentos sociais. Há uma pluralidade que tem que ser contemplada na análise, e nós não podemos confundir os vários jornalismo diante de nós com o jornalismo problemático da grande mídia.

Tecnicismo x formação humanística

É essencial procurar interferir nos múltiplos cenários que envolvem a atividade jornalística. A começar pela formação dos novos jornalistas, tentando superar insuficiências no ensino de jornalismo. Com frequência preocupante, há uma valorização excessiva do tecnicismo em detrimento de uma formação mais humanística. Sem falar no desaparecimento tecnológico da maioria das universidades numa era de comunicação multimídia, fenômeno que afeta, sobretudo, as universidades públicas – muitas delas não dispõem de orçamentos, equipamentos e condições de trabalho condizentes com as atuais exigências de qualificação.

É urgente modificar as legislações de comunicação no Brasil, alterando o regime de concessões de licenças de rádio e televisão. Tal providência se impõe tanto para coibir o clientelismo político e abrir oportunidades a canais comunitários e a uma comunicação pública não-governamental quanto para ampliar os mecanismos democráticos de controle social sobre as empresas concessionárias. Melhorar a qualidade de programação da televisão aberta também passa pela contenção da obsessão mercantil das emissoras. Investimentos em meios não mercantilizados podem fortalecer veículos alternativos, comunitários e populares, bem como a produção cultural independente e crítica.

Apesar dos obstáculos, há chances de evoluirmos para exercícios mais instigantes do jornalismo, aproveitando ferramentas e ecossistemas digitais e desenvolvendo formas colaborativas e descentralizadas de produção informativa e cultural, especialmente através do trabalho em rede e de ações compartilhadas. Em busca de outros jornalismo possíveis, devemos reunir projetos convergentes e mobilizar energias criativas e consciências interpelladoras para fazer reviver a inquietação diante de um mundo reificado. Pois foi esta inquietação que motivou tantos de nós, quando jovens, a escolher o jornalismo não apenas como profissão, mas também como destino histórico para nossos espíritos indomáveis.

ACESSE A VERSÃO ELETRÔNICA DA
REVISTA IHU ON-LINE
WWW.UNISINOS.BR/IHU



IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana



IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Livro da Semana

VEIGA, Bernardo. *É impossível o diálogo inter-religioso? O pensamento de Bento XVI e a visão de Raimundo Lúlio sobre o diálogo inter-religioso*. São Paulo: IBFCRL, 2009.

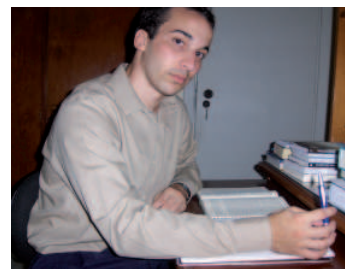
A razão como facilitadora do diálogo inter-religioso

O autor do livro, Bernardo Veiga, explica que a obra se centra em uma investigação sobre a proposta de Bento XVI para o diálogo inter-religioso

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO DIVULGAÇÃO

Questionado sobre a possibilidade do desafiante diálogo entre as consciências em um contexto de credos e de culturas religiosas diferentes, o jornalista Bernardo Veiga, em entrevista concedida por e-mail para a IHU On-Line, dispara: “É muito mais que possível; é algo realmente muito necessário”. Mas ele acrescenta que “é preciso que as pessoas estejam sinceramente abertas à verdade e queiram buscar a verdade”. Bernardo conta que a obra é baseada na visão de Bento XVI sobre a encíclica escrita por João Paulo II: *Fides et Ratio – Fé e Razão*, na qual João Paulo II retoma uma ideia, já difundida pela Igreja Católica, desde os primeiros séculos de que a razão e a fé não são contraditórias, mas se complementam. Em suas respostas, Veiga defende que “a sinceridade resolve metade dos problemas do diálogo inter-religioso; a outra metade é resolvida com a concretização desta sinceridade de buscar a religião mais verdadeira”.

Bernardo Veiga é bacharel em Ciências da Comunicação (Jornalismo), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ –, em 2008. É membro fundador do Instituto Aquinate com o qual vem colaborando com diversos artigos e traduções. Recebeu o prêmio que se concede à melhor apresentação oral no Congresso da UNIV, em Roma, no ano de 2007. O UNIV é um encontro universitário que o ICU (Istituto per la Cooperazione Universitaria) organiza desde 1968. O livro abordado nesta entrevista é resultado de uma pesquisa de dois anos (2007-2008), realizada na UFRJ, sobre comunicação religiosa, centrada no pensamento do papa Bento XVI e no filósofo catalão Raimundo Lúlio (do século XIII). Confira a entrevista.



IHU On-Line - De forma geral, de que maneira o senhor aborda a questão do diálogo inter-religioso no livro?

Bernardo Veiga - O livro se centra em uma investigação sobre a proposta de Bento XVI para o diálogo inter-religioso. Basicamente, podemos dividir as propostas em dois níveis: as condições e as finalidades para o diálogo. As condições são duas: 1- Somente as crenças que se submetem ao *Logos* podem participar do diálogo e 2- deve haver uma ação ativa para ouvir e compreender o *Logos* da religião do interlocutor. As finalidades são três: 1- conviver com as pessoas de outras religiões, 2- conhecer, de forma absoluta e relativa, os princípios das outras religiões e da própria, e 3- poder mudar, livremente,

de uma religião para outra. E no final do livro investigamos o pensamento do filósofo Raimundo Lúlio,¹ do Século XIII, que defendia um pensamento semelhante ao do papa Bento XVI, mesmo em um momento histórico de forte violência religiosa.

¹ Ramon Llull (1232-1316): escritor, filósofo, poeta e teólogo maiorquino. Escreveu em árabe, catalão e latim. É conhecido pela sua “Arte”, sistema unificador de todos os conhecimentos. Influenciou Nicolaus Cusanus, Giovanni Pico della Mirandola, Francisco Ximenes de Cisneros, Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim, Giordano Bruno, Gottfried Wilhelm Leibniz, John Dee e Jacques Lefèvre D’Etaples. Sobre Llull, confira a entrevista “Ramon Llull, um ‘guia’ para a Idade Média”, concedida pelo Prof. Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa à edição 198 da revista IHU On-Line, de 02-10-2006. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Como avalia que se estabelece hoje o diálogo entre as religiões, na prática, no Brasil?

Bernardo Veiga - Infelizmente, ainda existe no Brasil de hoje o problema do cristianismo fundamentalista, como vimos em junho do ano passado quando quatro jovens evangélicos, da denominação “Nova Geração de Jesus Cristo”, foram presos por invadir um centro de Umbanda e quebrar imagens religiosas. Sem dúvida, é uma covardia e uma violência sem tamanho. Mas, em geral, acho que o Brasil tem muito a ensinar para o resto do mundo. O nosso diálogo hoje faz parte de uma boa herança cultural já estudada por Gilberto Freyre² em *Casa-grande & sen-*

² Gilberto Freyre (1900-1987): escritor, pro-

zala. Claro que ainda temos os velhos preconceitos clássicos com relação a algumas religiões africanas, como, por exemplo, a tentativa por parte de alguns cristãos de converter os crentes dessas religiões africanas sem respeitar a liberdade de suas consciências. Mas ainda parece que temos uma disposição positiva em relação às diferenças religiosas.

IHU On-Line - O senhor defende que as bases do diálogo entre as religiões devem se fincar em algo que é comum a todos antes de optarem por uma religião. O que seria esse “algo comum”?

Bernardo Veiga - O algo comum a todas as religiões pode ser entendido de duas maneiras: o que há de comum em todos os homens devido à sua natureza humana e o que, de fato, têm em comum as religiões. No primeiro aspecto, é preciso estudar ética, antropologia filosófica, lógica e as demais ciências relativas à natureza humana, para saber em que consiste essa base comum da humanidade que chamamos natureza humana. O segundo aspecto refere-se ao que têm em comum as religiões, para assim sabermos o que uma religião precisa ter para ser aceita em um diálogo inter-religioso. Neste sentido, é estritamente necessário defender a existência de um forte vínculo das religiões com a verdade, isto é, com o conhecimento verdadeiro. Além do mais, temos que dizer que a base comum da religião passa pela base comum do homem, porque, se-

gundo a visão de Bento XVI, o homem é uma criatura que procura e se move pela verdade, e, portanto, deve escolher sempre a religião que entenda ser a mais verdadeira, a mais coerente.

IHU On-Line - Como a relação entre a fé e a razão é elucidativa nesse debate? A racionalidade pode ser um elo de ligação entre as diferentes religiões?

Bernardo Veiga - Praticamente todo o livro é baseado na visão de Bento XVI sobre a encíclica escrita por João Paulo II: *Fides et Ratio* - Fé e razão. Nesta carta, o papa João Paulo II retoma uma ideia já difundida pela Igreja católica desde os primeiros séculos de que a razão e a fé não são contraditórias, mas se complementam, porque possuem a mesma origem, que é

“Infelizmente, ainda existe no Brasil de hoje o problema do cristianismo fundamentalista”

Deus; pela razão, porque Ele deu ao homem tal potencialidade; e pela fé, quando a infunde no homem, enquanto virtude teológica. Neste sentido, a fé é uma adesão a uma verdade que nós não vemos, mas que acreditamos ser verdadeira por certa razoabilidade relativa à fé. A opção ordinária por uma fé deve se dar por uma maior compreensão da sua racionalidade; isto é, há partes na fé que são compreensíveis, como a fundação histórica dessa fé, a congruência interna da argumentação etc. Por exemplo, pode parecer óbvio, mas ninguém deveria ser cristão se pensasse que Cristo não existiu. Neste aspecto, a racionalidade da fé impele o ser humano, potencialmente religioso, a escolher a sua religião de uma forma humana, isto é, racional. E com isso podemos dizer que a racionalidade se dá como elo em dois aspectos: 1 – torna possível a comunicação dos homens entre si, e 2 – as próprias religiões são investigadas pela sua racionalidade.

IHU On-Line - Como o senhor caracteriza a presumível racionalidade das fés?

Bernardo Veiga - A racionalidade da fé é a explicação lógica da existência dessas fés. De certo modo, a sociologia e a antropologia foram muito importantes para trazer a fé para o nosso universo humano. Somos humanos, e, por mais que um Deus perfeito tenha se manifestado ao mundo, Ele se manifestou aos humanos. E por que Ele não obedeceria aos princípios básicos da comunicação, de se voltar cada vez mais para o receptor? Isso parece ficar mais claro justamente naquelas religiões que afirmam Deus ter-se revelado ao mundo de alguma forma. Estamos falando, portanto, de uma comunicação divina com o homem, e por isso podemos investigar a religião racionalmente. Podemos dizer que a presumível racionalidade das fés se dá por dois motivos: 1 – por ser uma comunicação de Deus ao mundo, isto é, Deus disse algo ao mundo, e o ser humano quer tentar entender adequadamente o que lhe foi dito; 2 – em consequência, quem deseja compreender – o homem – é o próprio objeto da comunicação de Deus. E o ser humano deseja compreender através do que o qualifica especificamente: a sua racionalidade. A ideia de um Deus bom justifica a comunicação da fé.

IHU On-Line - Qual o risco das posições fundamentalistas, no sentido de construir uma falsa mística violenta, como se Deus fosse também violento? Quais as consequências culturais das decisões religiosas fundamentais?

Bernardo Veiga - Hoje, o termo “fundamentalismo religioso” é usado em muitos casos distintos e acabou se tornando um termo equívoco e problemático. Em minha opinião, fundamentalismo religioso não é defender a verdade da própria fé, mas afirmar que as outras religiões são inimigas e devem ser atacadas de qualquer forma, como se Deus quisesse a violência no mundo. E, a partir disto, estamos falando de duas grandes visões sobre Deus: 1- um Deus racional e amoroso e 2- um Deus irracional e sentimental. No primeiro

fessor, conferencista e deputado federal. Colaborou em revistas e jornais brasileiros. Foi professor convidado da Universidade de Stanford (EUA). Recebeu vários prêmios por sua obra, entre os quais, em 1967, o prêmio Aspen, do Instituto Aspen de Estudos Humanísticos (EUA) e o Prêmio Internacional La Madoninna, em 1969. Ainda recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Münster (Alemanha) e da Universidade Católica de Pernambuco. Sua produção literária é muito importante. Entre seus livros, citamos: *Casa grande & senzala* e *Sobrados e mocambos*. O Prof. Dr. Mário Maestri, do PPG em História da Universidade de Passo Fundo (UPF), apresentou o segundo livro na programação do II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, promovido no dia 15-04-2004, pelo IHU. Sua palestra originou o artigo publicado no *Cadernos IHU* número 6, de 2004, intitulado *Gilberto Freyre: da casa-grande ao sobrado. Gênese e dissolução do patriarcalismo escravista no Brasil. Algumas considerações*. (Nota da IHU On-Line)

aspecto, que não é fundamentalista, encontramos um Deus que é amor e razão, que congrega em si mesmo a justiça e a misericórdia, que se inclina para o mundo porque *faz questão* do mundo, porque é a sua criação. Mas age assim porque vê no mundo a sua própria Beleza, pois “vê que tudo era bom” (Gn 1, 31) por ser obra dEle. A segunda visão vê a Deus separando nEle sua sabedoria e seu amor. Isto é, admite que Deus pode criar coisas que são absurdas ou irracionais se Ele assim o quiser, que é o mesmo que dizer que seu amor é maior que sua racionalidade. Há nisso uma diferença sutil, mas que no fim causa discursos totalmente opostos. Veja, quando se diz que Deus é racional e amoroso, que não é fundamentalismo, quer dizer que o próprio Deus se submete às leis da racionalidade. Não é que limitamos o poder de Deus no mundo, mas apenas dizemos que Deus não pode querer o mal, porque ele é a pura Bondade. E o fundamentalismo religioso extrapola a possibilidade de um Deus bom e diz que Ele pode querer, fazer e mandar a violência.

IHU On-Line - Em sua opinião, a partir da pesquisa e do livro, é possível o desafiante diálogo entre as consciências em um contexto de credos e de culturas religiosas diferentes?

Bernardo Veiga - Claro. E muito mais que possível; é algo realmente muito necessário. Porque não estamos falando de algo simples, mas de algo que mexe com o âmago das pessoas, que dedicam a vida inteira a uma religião, literalmente, de corpo e alma. E, pela grande importância da religião na vida das pessoas, o diálogo deve ser conduzido de uma maneira que respeite as consciências em seus respectivos credos. O que deve ficar claro é a não-violência na liberdade religiosa. Sobre a possibilidade do diálogo, devemos dizer que é possível, sim; mas é preciso que as pessoas estejam sinceramente abertas à verdade e queiram buscar a verdade, porque, no fundo, estão buscando a Deus. A sinceridade resolve metade dos problemas do diálogo inter-religioso, a outra metade é resolvida com a concretização desta

sinceridade de buscar a religião mais verdadeira. Assim, os principais inimigos do diálogo inter-religioso são três: a violência física ou psíquica; a tentativa de colocar o sentimento como algo absoluto; e a ignorância de que há um mundo depois deste para o qual iremos.

IHU On-Line - Qual a contribuição do pensamento de Bento XVI e de Raimundo Lúlio sobre o diálogo inter-religioso? Qual o paralelo que pode ser traçado entre a visão de ambos?

Bernardo Veiga - A contribuição deles é focar no aspecto da razão, da racionalidade do discurso. E sobre o paralelo entre ambos, devemos falar

**“A fé é uma adesão a
uma verdade que nós
não vemos, mas que
acreditamos ser
verdadeira por certa
razoabilidade relativa
à fé”**

primeiro de duas coisas distintas. Sem dúvida, chama a atenção que um filósofo do século XIII queira estabelecer um diálogo entre as religiões, em um tempo marcado pela Inquisição e pelas Cruzadas. Neste sentido, podemos dizer que Lúlio é um pioneiro em um tempo muito adverso. Em relação ao papa, encontramos outros tempos, talvez não tão desfavoráveis quanto o medieval, mas também com os seus problemas. Há, assim, um forte mérito para os dois. Em relação ao que há de comum é o vínculo com a razão. Ambos são grandes humanistas que destacam a racionalidade do homem, sem cair em um racionalismo cego, que se coloca, a priori, contra a fé.

IHU On-Line - O senhor concorda com Joseph Ratzinger, quando ele afirma que o diálogo inter-religioso

é impossível a menos que o crente ponha entre parênteses a sua fé? E o que podemos entender pela expressão “pôr entre parênteses a fé”?

Bernardo Veiga - Concordo sim. Defendemos que a segurança que o crente deve ter é a segurança de defender a verdade. A outra segurança, a que dá a fé, deve-se colocar entre parênteses, para tornar possível o diálogo. “Pôr entre parênteses a fé”, portanto, é não tomar as fés como base do diálogo, mas somente o que é comum: a razão. Se no início do diálogo inter-religioso, o crente começa expondo o seu credo como algo absoluto e totalmente inquestionável, isso mostra que ele não está aberto ao debate, que ele busca antes aquilo que lhe dá uma certa segurança, antes que a própria verdade. Assim, o papa defende que a única segurança que devemos buscar é justamente a da sincera busca da verdade e se converter para ela sempre que for necessário, mesmo que o indivíduo tenha que passar por ‘n’ religiões até encontrar a que lhe parecer a mais verdadeira. É isso exatamente o que fazia Lúlio. Colocava-se a disposição de judeus e muçulmanos e dizia-lhes: se me convencerem de que a vossa religião é mais verdadeira que a minha, eu me converterei à vossa. Isso não era uma postura fingida. Exigia-se exatamente o que pedia a aos outros: se os muçulmanos pensavam que um Deus não se podia encarnar ou não podia ser um e três ao mesmo tempo, pensavam assim por fé, não por razão, pois não tinham disso nenhuma prova racional. Então Lúlio dizia-lhes: vamos conversar em termos exclusivamente racionais. Assim era possível o diálogo inter-religioso.

IHU On-Line - Conhece a proposta da Fundação de Ética Mundial, do teólogo Hans Küng? Acha que ela pode contribuir nesse sentido em relação à impossibilidade do diálogo inter-religioso levantada pelo Papa Bento XVI?

Bernardo Veiga - Vejo a proposta da “Fundação de Ética Mundial”, do teólogo Hans Küng,³ como uma tentativa

³ Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o

“A racionalidade da fé é a explicação lógica da existência dessa fé”

de estabelecer as bases comuns entre as religiões para manter uma política de não-violências e defesa da dignidade humana. Se for realmente isto, podemos dizer que é um dos possíveis passos adiante da pesquisa deste livro. Podemos dizer também que este meu estudo sobre Bento XVI seria uma visão que antecederia a fundação de uma ética mundial, porque, primeiro, tentaria fincar a necessidade dos religiosos de falarem uma língua comum, que é a razão. O que o papa quer mostrar é isto: as religiões devem conversar na mesma língua: a razão. E essa fundação de uma ética mundial seria já o discurso da razão. Podemos dizer que Bento XVI quer defender de forma bem clara a necessidade de uma “gramática para as religiões”, enquanto que a afirmação de uma ética comum já seria o bom uso dessa língua por obedecer aos retos princípios da gramática.

Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II. Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infalibilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Mundial, em Tübingen. Um escritório da Fundação de Ética Mundial funciona dentro do Instituto Humanitas Unisinos desde o segundo semestre do ano passado. Küng dedica-se, atualmente, ao estudo das grandes ‘religiões’, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva, e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, pela editora Verus. De 21 a 26 de outubro de 2007 aconteceu o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - Por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, realizado no câmpus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento foi difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. Confira no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu), a edição 240 da revista IHU On-Line, de 22-10-2007, intitulada *Projeto de Ética Mundial. Um debate*. (Nota da IHU On-Line)

Entrevista da Semana

Produção imaterial como o centro da produção política

Rodrigo Guéron comenta a transformação do capitalismo e aponta a bioeconomia como opção à conjuntura econômica atual

POR PATRICIA FACHIN

Para o Prof. Dr. Rodrigo Guéron, do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a bioeconomia é uma boa alternativa à crise financeira internacional. Ao relacionar os temas, ele diz que “se trava agora uma disputa política contra uma forma de organização produtiva que ajudou a gerar a crise, e que quer simplesmente se reorganizar”. As medidas adotadas pelos governos como forma de salvar grandes corporações poderiam ser utilizadas antes da crise, no sentido de evitá-la. Exemplificando, Guéron cita o continente africano que há anos é considerado sinônimo de pobreza. “Ao mesmo tempo em que se dá bilhões às montadoras, vemos a pobreza no país. Ora, o que é a pobreza e a miséria a não ser uma imensa potência de vida que não consegue se realizar. Não há dúvida que aí está uma alternativa à crise”, aponta. Contrário à injeção de dinheiro público para salvar instituições que ajudaram a provocar a crise, ele propõe uma enorme bolsa família para a África, ou seja, “uma monetarização daquele continente que seria, até para o capitalismo mais tradicional, uma abertura de mercados”. Por outro lado, nos países ricos, continua, “me pergunto se é o caso de dar dinheiro às montadoras, ou de dar algum tipo de apoio financeiro para os que perderam ou perderiam o emprego para estes fazerem novos cursos e encontrarem novas alternativas de vida que seriam alternativas econômicas”.

Na entrevista que segue, concedida por e-mail à IHU On-Line, Rodrigo Guéron ainda aborda a transformação do capitalismo para capitalismo cognitivo que produz não só mercadorias, mas também “modos de vida”. Nessa nova estrutura, os meios de comunicação ganham destaque, pois têm o poder de construir culturas e estilos de vida.

Guéron participou do colóquio *Resistência e criação: mídia, cultura e lutas no capitalismo cognitivo*, no dia 26-03-2009, realizado na Fundação Casa de Ruy Barbosa, em parceria com a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Nômade. Docente também na Universidade Estácio de Sá, Rodrigo Guéron é mestre em Filosofia, pela UFRJ, e doutor na mesma área, pela UERJ. Além de filósofo e professor, é diretor e roteirista de cinema, com destaque para direção de dois curta-metragens: *Clandestinidade*, premiado em festivais no Brasil e no exterior, e *Eu estou bem cada vez melhor* (inédito). Em 2005, foi presidente da Associação Brasileira de Documentaristas e Curtametragistas do Rio de Janeiro, trabalhou como roteirista para a Fundação Roberto Marinho, e é membro dos conselhos editoriais das revistas *Global/Brasil* e *Aisthé*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como ocorre a interface entre cultura e mídia no capitalismo cognitivo?

Rodrigo Guéron - Eu diria que o capitalismo cognitivo abre uma perspectiva de superação desta diferença entre cultura e mídia, no bom e no mal sentido. Para entender o que estou dizendo, é necessário precisar o que estamos chamando de capitalismo cognitivo. Esta ideia de que viveríamos este momento do capitalismo parte da constatação de que a produção imaterial, a produção criativa, incluindo aí a produção artística e a produção de conhecimento e, sobretudo, ambas instalando um grande campo de interseção, é o que caracteriza o capitalismo contemporâneo. Não se trata de nenhuma visão triunfalista do capitalismo, mas uma constatação fundamental para entendermos como as formas de resistência e produção da vida, de um lado, e as novas formas de poder, captura e controle, do outro, funcionam. Aquilo que antes Marx chamava de uma superestrutura e que estaria a serviço de uma “base econômica”, ou seja, a ideologia compreendida na produção de discursos (imprensa, por exemplo), na produção artística e em grande parte da produção científica e acadêmica, e que estaria a serviço dos “proprietários dos meios de produção” (a base econômica), se transformou no próprio centro da produção. Trata-se da produção imaterial e cognitiva como o centro da produção não só de mercadoria, mas também de uma produção de mercadoria que tem uma forte dimensão de produção política, na medida em que ela se agencia como um modo de vida. Quer dizer, se entendíamos o capitalismo como um modo de produção, agora poderíamos dizer que ele é uma “produção de modos de vida”.

No caso do Brasil, as grandes corporações de comunicação ganham uma força impressionante. Neste sentido, bem mais do que os bancos, elas teriam uma função de produção e mesmo de “especulação” de valores. Elas, em alguns aspectos, diluem, em outros, capturam o que poderíamos chamar de “produção cultural” num sentido, digamos, “forte” do termo. Mas este movimento não é unilateral, embora

seja desigual. Quer dizer, a mídia até pode engendrar e potencializar a produção cultural se ela for compreendida como “produção de subjetividade” (e este é o sentido forte). Agora, vejo nas grandes corporações de comunicação, em especial no Brasil, um movimento extremamente conservador, em diversos sentidos. Mas a internet, a rede, as novas tecnologias digitais, que em muitos casos nasceram de um movimento que buscava a transformação e a democratização dos meios de produção (toda a contracultura em torno do Vale do Silício), têm sido uma mudança. Neste sentido, elas apontam para a superação do modelo de grandes corporações de comunicação, e também para uma situação onde o

“Vejo nas grandes corporações de comunicação, em especial no Brasil, um movimento extremamente conservador, em diversos sentidos”

lugar passivo diante dos meios de comunicação pode ser substituído (mas não necessariamente) por uma ação que pode ser inventiva, o que significa dizer inventiva também de uma determinada forma de vida. Assim, a “cultura” num sentido conservador, ou seja, como “grandes modelos nacionais” de identidade, se enfraquece porque as grandes corporações são absolutamente articuladas com a forma-Estado, e sempre proliferam na medida em que predomina a compreensão tradicional que o Estado legitima de “cultura do povo”. Felix Guattari¹ di-

1 Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, *O anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

zia, por exemplo, que “cultura é um conceito reacionário”. Enfim, eu vejo uma superação da dualidade cultura e mídia e uma perspectiva de liberação (pelo menos potencialmente) nas novas formas de produção via internet. A princípio, parece que minha visão é positiva, ou seja, vejo uma potência liberadora e transformadora na rede. Mas, se o que se espalha socialmente é uma situação onde, mesmo na rede, ficamos na pura reprodução, de repetição e servidão maquínica, onde somos reduzidos, por exemplo, a uma “senha”, sem que haja espaço para a invenção, aí o mundo se transformaria num imenso programa de variedades, onde tudo o que se evita é a diferença de cada produto como uma diferença socialmente constituída. E é exatamente esta diferença que interessa, qual seja, a que se dá como uma produção social: uma mobilização produtiva que é ao mesmo tempo política.

IHU On-Line - Em que sentido essa interface apresenta possibilidades para a construção do comum? Como essa interface entre cultura e mídia se relaciona com a bioeconomia?

Rodrigo Guéron - O comum sempre existiu, isto é, mesmo que todo mundo desista de ser comunista, e, antes que qualquer um fosse, o comum já existia. Há uma dimensão da produção que está tão imbricada socialmente que não dá para dizer nem que ela é privada nem que ela é estatal. Estas definições privado, estatal ou às vezes até “público” são na verdade apropriações. Mas sempre existiu também uma disputa pela apropriação do comum, e ela é tão material quanto imaterial. Isso significa dizer que a apropriação do comum é também uma apropriação de subjetividades. No capitalismo contemporâneo, essa apropriação acontece na medida em que o desejo é ao mesmo tempo limitado e instigado a desejar algumas “subjetividades prontas”. O capital precisa convencer as pessoas que elas só podem ter uma função social preestabelecida: um posto de trabalho com uma função predeterminada pelo “mercado” e um lugar como consumidor para escolher alguns dos produtos e “estilos” que estão prontos na prateleira.

No sentido positivo que vejo na superação da distinção entre cultura e mídia, a função ativa que os sujeitos podem ganhar é também o da invenção de um novo fluxo econômico, que se produz na mesma medida em que o desejo é liberado destas subjetividades preestabelecidas. A maneira como inúmeros grupos musicais puderam escapar às grandes gravadoras e as corporações de comunicação, constituindo um novo fluxo subjetivo — que foi ao mesmo tempo um fluxo econômico na rede —, é um exemplo disso. Aliás, eis um exemplo da superação da dualidade entre cultura e mídia no bom sentido.

IHU On-Line - Que sociedade surge a partir da bioeconomia? Em que sentido ela pode ser útil nesse momento de crise financeira, contribuir para o desenvolvimento sustentável e provocar mudanças na política e na economia?

Rodrigo Guéron - Quanto à bioeconomia e a crise financeira, diria que se trava agora uma disputa política contra uma forma de organização produtiva que ajudou a gerar a crise, e que quer simplesmente se reorganizar. Por outro lado, todas estas formas de produção, mesmo que não sejam totalmente externas ao capitalismo, mas que, ao mesmo tempo, não são inteiramente submetidas a ele de maneira tradicional, eram já uma alternativa antes da crise. Veja, por exemplo, a situação da África. Ao mesmo tempo em que se dá bilhões às montadoras, vemos a pobreza no país. Ora, o que é a pobreza e a miséria a não ser uma imensa potência de vida que não consegue se realizar? Não há dúvida que aí está uma alternativa à crise. Poderíamos propor algo como uma enorme bolsa família para a África, ou seja, uma monetarização daquele continente que seria, até para o capitalismo mais tradicional, uma abertura de mercados. Por outro lado, nos países ricos, me pergunto se é o caso de dar dinheiro às montadoras, ou de dar algum tipo de apoio financeiro para os que perderam ou perderiam o emprego para estes fazerem novos cursos e encontrarem novas alternativas de vida que seriam alternativas econômicas. Penso que os atuais desempregados poderia ir para a universidade, bancado com uma parte dos bilhões que iriam para a GM ou para a Ford.

IHU On-Line - A partir da crise financeira, como podemos pensar em novas dimensões no mundo trabalho e na instituição do comum? A partir do sobressalto da economia do conhecimento, que novas políticas públicas e tecnológicas devem ser pensadas?

Rodrigo Guéron - A questão das políticas públicas é decisiva. Eu disse noutra dia que o governo brasileiro deveria se lembrar da crise política de 2005/2006 para enfrentar a conjuntura atual. Se o governo Lula cair na armadilha dualista de “o liberalismo perdeu agora devem voltar os desenvolvimentistas” — como uma parte da intelectualidade

“Se o governo Lula cair na armadilha dualista de ‘o liberalismo perdeu agora devem voltar os desenvolvimentistas’ (...), ele corre o risco de perder as eleições e, portanto, de frear os avanços sociais que têm sido conquistados”

ligada ao aparelho petista quer fazer —, ele corre o risco de perder as eleições e, portanto, de frear os avanços sociais que têm sido conquistados. Há uma parte da intelectualidade (um conceito um tanto desgastado e capturado hoje), mesmo a que se diz de esquerda ou petista, que se sente ameaçada por algumas políticas do governo Lula. Primeiro porque não foram pensadas por ela, segundo porque libera novas possibilidades de produção cognitiva, artística etc., que faz por si só com que perca força esta oligarquia de poucos que domina a nossa academia e o nosso “meio cultural”.

É lógico que é uma conquista colocar políticas de urbanização de favelas e de reajuste do salário mínimo no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Mas existe nas novas formas de organização econômica, e mobilização produtiva — que devem ser aprofundadas —, uma alternativa fundamental à crise, ou seja, poder enfrentar a crise avançando na perspectiva de uma transformação social e política.

Na minha opinião, a diferença da política econômica do governo Lula está na política social que, na prática, foi uma política econômica. Sinto falta, por exemplo, de um programa de democratização da internet nas favelas e periferias, embora as políticas sociais do governo tenham ajudado as pessoas a comprarem computadores. Não foi à toa que a Marta Suplicy propôs uma política destas em São Paulo e o candidato conservador se colocou frontalmente contra. O PT e a esquerda não entenderam que esta era uma disputa importante e que ela escancarava o caráter conservador, a linhagem histórica da direita oligárquica brasileira de barrar a democratização do conhecimento, do outro candidato.

Em todo caso, como disse o Professor Henrique Antoun,² as pessoas não se comportarão nesta crise como em 29, ficando apenas na fila do desemprego ou da cesta básica. Há mil e uma alternativas produtivas, inclusive de monetarização, na economia informal; as pessoas vão atrás. O problema é que mais tarde as grandes corporações capitalistas, via Estado, e tendo sido socorridas por verbas públicas, irão querer criminalizar os que agenciaram novas formas produtivas mais ou menos “por fora”. Mas, enfim, aí já vai existir uma dimensão da economia e da vida que não poderá mais voltar atrás.

² Henrique Antoun: professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Escola de Comunicação. Graduado em Desenho Industrial pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), doutor em Comunicação pela UFRJ com a tese “As aspas e as raspas em Nietzsche e Benjamin: o problema do eterno retorno da produção da cultura e da história”. É autor de *Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída* (Rio de Janeiro: Mauad X, 2008). (Nota da IHU On-Line)

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) de 07-04-2009 a 12-04-2009.

“Temos claro que o governo Lula não é um governo de esquerda, e sim neoliberal”

Entrevista com Nilton Viana

Confira nas Notícias do Dia 07-04-2009

“Onde o povo estiver lutando, estaremos cobrindo, esse é o nosso compromisso maior”, afirma o editor do jornal *Brasil de Fato*, comemorando quase sete anos de existência, sem interrupção.

“O poder é solitário”

Entrevista com Izalene Tiene

Confira nas Notícias do Dia 08-04-2009

Para a ex-prefeita de Campinas, a mulher norteia suas atividades a partir de uma noção de geração de vida e “pode haver uma grande diferença quando ela põe essa característica a serviço do bem público”.

Rio dos Sinos e Rio Gravataí: os piores do Brasil.

Entrevistas com Mauricio Colombo e Silvio Klein

Confira nas Notícias do Dia 09-04-2009

“Apesar do gaúcho possuir um índice de educação elevada, existe, na região metropolitana, um nível elevado de exclusão e vulnerabilidade social que trazem esses problemas, como o lixo descartado no rio que não é separado e é jogado nos rios”, afirmam os membros dos Comitês da Bacia do Rio Gravataí e Rio dos Sinos.

“A morte não deve ser o critério de leitura dos acontecimentos”

Entrevista com João Batista Libanio

Confira nas Notícias do Dia 10-04-2009

Nestes dias de celebração da Paixão de Jesus, a esperança que nasce da pessoa de Cristo frente ao mal e à morte é um convite a fazermos uma nova leitura da realidade. Para João Batista Libanio, a Páscoa é um momento central para se compreender que cada situação da vida desperta uma maneira diferente de se entender o amor de Deus.

“Bento XVI está cercado de pessoas não levantam questões nem o desafiam”

Entrevista com Thomas J. Reese

Confira nas Notícias do Dia 11-04-2009

Se a Páscoa tem um significado profundo de vencer o mal e nascer para uma vida nova, a Igreja pode aproveitar esse momento para revisar alguns aspectos centrais de sua administração. Essa é a opinião do padre jesuíta Thomas J. Reese, ex-editor-chefe da renomada revista *America*, publicação semanal católica dos EUA.

“A nossa lealdade à Igreja requer que sejamos críticos”

Entrevista com Timothy Radcliffe

Confira nas Notícias do Dia 12-04-2009

Deixar-se surpreender por Cristo, como Maria Madalena. Em pleno Domingo de Páscoa, eis a proposta e o desafio apresentado por Timothy Radcliffe, teólogo inglês e ex-Mestre Geral da Ordem dos Dominicanos. Nesta entrevista, Radcliffe fala sobre os atuais desafios da Igreja e as dificuldades de se apresentar o mistério da Páscoa à sociedade de hoje.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.unisinos.br/ihu. Publicada em 09-04-2008

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

**Leia as Notícias do Dia em
www.unisinos.br/ihu**



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Eventos da Semana



Vida e fé de Câmara Cascudo

No próximo dia 14 de abril, o Instituto Humanitas Unisinos – IHU promove uma edição especial do evento IHU Ideias. Na ocasião, o tema “Vida, ofício e fé de Luís da Câmara Cascudo: um historiador potiguar”

será apresentado por Bruna Rafaela de Lima, mestre em História pela Unisinos. A atividade acontece das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU, e é aberta à comunidade em geral.

Povos Indígenas na contemporaneidade

E na quinta-feira, dia 16 de abril, três dias antes do Dia do Índio, a programação do IHU Ideias conta com a presença da Prof. Dra. Iara Tatiana Bonin, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Ulbra, e de Roberto Antonio Liebgott, vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que apresentarão o tema “Povos indígenas na contemporaneidade: estratégias de luta, relações e desafios”. Toda a comunidade é convidada a estar presente na sala 1G119, das 17h30min às 19h.



Sicredi amplia instalações na Unisinos



“Como sistema cooperativo, valorizar o relacionamento, oferecer soluções financeiras para agregar renda e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos associados e da sociedade.” Esta é a missão

do Sicredi – Sistema de Crédito Cooperativo. Este banco cooperativado trabalha com a ideia de propriedade co-

letiva, uma vez que seus associados também são donos. Um banco cooperativado como o Sicredi não visa somente ao lucro, mas busca potencializar o quadro social de seus associados, oferecendo uma opção diferenciada dos bancos capitalistas. Ao adotar uma postura semelhante ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em relação à sua atuação social, o Sicredi estabeleceu com o IHU uma parceria de trabalho que se consolida, até o momento, com o apoio à revista **IHU On-Line**, em suas versões impressa e eletrônica. E, dentro desta parceria, nos alegramos em divulgar para a comunidade acadêmica da Unisinos que no próximo dia 16 de abril, quinta-feira, a unidade de atendimento do Sicredi na Unisinos será reinaugurada, em função de uma ampliação física do espaço.

Projetos de nação do Brasil

A segunda etapa da Escola de Formação Fé, Política e Trabalho 2009 será realizada no próximo final de semana, dias 18 e 19 de abril, no Centro Diocesano de Formação Pastoral, em Caxias do Sul. Na ocasião, a Profa. Dra. Eloísa Capovilla, da Unisinos, falará sobre o tema

“Visão histórica dos projetos de nação do Brasil a partir 1930”. A Escola encontra-se em sua 6ª edição. Desde o seu nascimento, ela é uma parceria da diocese de Caxias do Sul com o Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Nestes cinco anos de caminhada defende que para construir uma sociedade solidária é preciso repensar mais radicalmente a “doutrina social” e desenvolver a reflexão ética acerca das novas questões políticas e sociais, muito diferentes da “questão operária” no final do século do século XIX e bem mais complexas que ela. O evento vai até décima etapa, que acontece de 12 a 13 de dezembro deste ano. Mais informações podem ser encontradas em www.unisinos.br/ihu.



PARTICIPE DOS EVENTOS DO IHU

WWW.UNISINOS.BR/IHU

Perfil Popular

Sérgio Rodriguez

POR GRAZIELA WOLFART E GREYCE VARGAS | FOTO GREYCE VARGAS

Um artista com alma de artista. Este é Sérgio Rodriguez, 32 anos, artista urbano que a IHU On-Line encontrou na estação do Trensurb, em São Leopoldo, onde ele faz suas obras em muros e pilares. O objetivo: humanizar e embelezar o espaço público, motivando que as pessoas passantes zelem mais pelo local onde cruzam diariamente, pois, para ele, “a rua é a extensão do nosso quintal, da nossa casa”. Acompanhe, a seguir, o fruto da conversa que ele teve com a redação da IHU On-Line, onde descreveu sua trajetória de artista e sua visão sobre arte urbana e cultura.



Depois de adquirir uma formação no mundo das artes por meio de muitas visitas a exposições, Sérgio Rodriguez começou a tomar contato com a arte urbana, o que, segundo ele, interferiu diretamente no seu trabalho. Em 1996, cursou desenho e pintura no Atelier Livre de Porto Alegre e atualmente faz graduação em Artes Visuais (licenciatura) na Ulbra. Sérgio conta que, em suas obras, muito no início, teve uma influência de pop art¹ e do próprio graffiti,² que é algo que lhe chama muita atenção visualmente, no sentido do fascínio que tem pela intervenção na cidade. Sérgio fez trabalhos relacionados a isso e inclusive ganhou um prêmio, chamado *outdoor*, que representava um outdoor imenso. “Meu trabalho difere muito da estética desse graffiti mais discriminado. Posso até dizer que faço graffiti, considerando que essa arte seja carac-

terizada como todo o trabalho feito na rua, porém em suporte não específico para isso. Posso me considerar um grafiteiro, portanto, mas prefiro me ver como um artista urbano. Admiro a arte do graffiti e a cultura hip-hop, que foi onde ele nasceu, mas meu trabalho é um pouco diferente disso”, explica.

Sérgio conta que gosta muito de trabalhar na rua. “Ela sempre me fascinou, porque é de todos. Quando comecei a trabalhar na rua, vi que as pessoas tinham uma proximidade comigo e com o meu trabalho.” Ele lembra que, quando se faz uma exposição artística em uma galeria e a porta está aberta, as pessoas que passam na calçada muitas vezes se constrangem em entrar, mesmo que achem o trabalho interessante, porque talvez não seja o ambiente delas. Para ele, a arte sempre teve uma visão elitizada. E conta que já viu situações absurdas como, por exemplo, pessoas dentro de um museu olhando “torto” para outras, como se dissessem “o que essas pessoas estão fazendo aqui?”, como se aquilo não pertencesse a elas também, ou como se elas não estives-

sem entendendo. “Mas cada um faz a sua leitura, conforme a sua cultura”, defende. No entanto, o artista sente que esse clima não se estabelece na rua. “Meu trabalho pode ser visto até por quem não quer ver e está só passando. Se vem um cara e se sente livre de fazer um trampo em cima do meu, eu acho legal, porque nós somos iguais. As pessoas têm essa proximidade comigo; elas param, olham, elogiam, criticam, falam comigo, dão sugestões, pedem coisas. Essa relação entre artista e pessoas que observam é muito edificante, enriquece o trabalho. O que a arte urbana faz é justamente quebrar a rotina da pessoa, quebrar o campo visual que está viciado em alguma coisa.” Sérgio acredita que a ideia do trabalho artístico na rua é humanizar o espaço, “fazer com que o cidadão valorize o ambiente em que ele está, que ele cuide e se aproprie também disso e queira cuidar. A rua é a extensão do nosso quintal, da nossa casa”.

O começo

O que sempre incomodou Sérgio

¹ Pop Art: movimento que usava figuras e ícones populares como tema de suas pinturas (Nota da IHU On-Line)

² Graffiti é o nome dado às inscrições feitas em paredes, desde o Império Romano. Considera-se graffiti uma inscrição caligrafada ou um desenho pintado ou gravado sobre um suporte que não é normalmente previsto para esta finalidade - normalmente em espaço público. (Nota da IHU On-Line)

é a ideia de que poucos entendem ou absorvem a arte. “Quando comecei a desenvolver o meu trabalho, eu queria que todos entendessem. E a rua veio ao encontro disso. Se eu quero que todos entendam, vou mostrar a todos. A arte está em todo mundo. Todos fazem arte de alguma maneira.” Quando escolhe um muro particular para esboçar sua arte, Sergio pede autorização do proprietário, com exceção dos pilares e locais públicos, que ele considera desnecessário, afinal procura pintar coisas bonitas, que agradam aos olhos dos passantes. Os espaços da Trensurb são de livre acesso para Sergio, que ganhou autorização da empresa para isso. E os demais são da Prefeitura de São Leopoldo.

Filha: inspiração

Sergio tem uma filha de cinco anos, a Ana Clara. “A criança renova o mundo, porque ela tem uma visão nova das coisas. Ela tem um mundo particular, alimentado pela forte imaginação”, define ele, sobre a experiência com a menina. Hoje, o artista possui um estúdio artístico próprio, chamado Estúdio Alado, cuja logomarca é uma criança correndo de braços abertos. A inspiração: sua filha. “Aprendo muito com ela. A liberdade de uma criança é algo que toca fundo.” O Estúdio Alado se propõe a fazer arte, ilustração e graffiti.

Influências

Um pintor de que Sergio gosta muito, mas pela característica do desenho, é Modigliani.³ Ele também gosta de Basquiat,⁴ pela espontaneidade e pela “loucura”. Mas, atualmente, o

3 Amedeo Clemente Modigliani (1884-1920): artista plástico e escultor italiano que viveu em Paris. (Nota da IHU On-Line)

4 Jean-Michel Basquiat (1960-1988): artista americano que ganhou popularidade como um grafiteiro na cidade onde nasceu e depois ficou caracterizado neoexpressionista. As pinturas de Basquiat ainda são influência para vários artistas e costumam atingir preços altos em leilões de arte. (Nota da IHU On-Line)



que mais influencia visualmente Sergio são as linhas harmoniosas da natureza. “Quando olho para a natureza, vejo que não dá muito pra viajar. Natureza é equilíbrio, tranquilidade”, explica. Ele considera seu trabalho popular, porque seus desenhos agradam aos diversos públicos, de todas as idades. “E as pessoas querem ver coisas agradáveis, não poluídas visualmente. Elas param para dar parabéns pelo trabalho e isso me satisfaz muito. Meu trabalho tem que cumprir um objetivo. Não consigo desenhar por desenhar. É claro que, quando faço coisas para mim, é um trabalho mais introspectivo e aí a criação é livre. Mas, quando eu faço para os outros verem, tem que ter um objetivo. E aqui na rua o objetivo é esse: que as pessoas se agradem do que veem, reflitam sobre a questão ecológica, valorizem mais isso”.

Dia-a-dia

O dia-a-dia de Sergio se resume em tentar se concentrar e se inspirar para produzir o que quer. E ele conta que isso nem sempre é fácil, pois há dias em que o ambiente não proporciona isso. O artista tem dificuldade para definir o que seria seu maior sonho, pois é algo que muda muito, no caso dele, quando se trabalha com a inspiração. “Isso porque todos os dias a pessoa tem uma visão nova sobre o mundo. Eu não consigo me autodefinir. Prefiro ir devagar e ver para onde os fatos vão me levar. Eu tenho um foco, mas não é nada predeterminado. Posso dizer que o meu maior sonho — e eu

sei que não vou alcançar — é que meu trabalho me satisfaça. Nunca fica bom tanto quanto eu quero. Isso é algo que me impulsiona, mas que me incomoda um pouco também.”

Reconhecimento

Sergio defende que o artista deve ser visto como um profissional sério, assim como qualquer outro. “Sou artista plástico e sou muito bom no que faço. Por que tenho de trabalhar de graça?”, questiona. Na sua opinião, o artista tem de andar com suas próprias pernas, sem depender única e exclusivamente do poder público ou de qualquer outra instituição, mas muitas vezes nem as secretarias de cultura dos municípios querem pagar pelo trabalho do artista. “Cultura também é feita com dinheiro, assim como educação e saúde. Enquanto nossa política cultural for essa piada, o artista não for valorizado como profissional que tem um papel importante dentro da sociedade em que vive, não receber pelo seu trabalho, nunca vamos ter cultura, pois sem artistas, sem arte, não se formam apreciadores de arte e sem apreciadores de arte não temos arte. Continuaremos a ser um povo sem cultura.”

O trabalho artístico que Sergio realiza na rua é um projeto seu em parceria com as empresas Makbo e Tinta & Cor. Mais informações sobre ele e suas obras podem ser encontradas em www.flickr.com/photos/estudiolado.

IHU Repórter

Rodolfo José Meyer Miranda

POR PATRICIA FACHIN | FOTOS PATRICIA FACHIN

No curso mais experimental da universidade — literalmente —, a **IHU On-Line** encontrou um homem apaixonado pela vida, admirador da culinária brasileira e apreciador de vinhos refinados. Autêntico e despojado, o professor de Gastronomia Rodolfo José Meyer Miranda nos conta, no bate papo a seguir, sua trajetória como chef, e os caminhos que o levaram a exercer a docência. Confira.

Sou uma pessoa calma e apaixonada; tudo que faço é movido à paixão. Tenho 35 anos, sou catarinense de Joinville, e moro no Rio Grande do Sul desde dezembro de 2003. Tenho duas irmãs mulheres; sou o filho caçula mimado. Faço parte da terceira geração de uma família de professores — deve ser praga isso. Meu pai, Roberto Miranda, é economista e minha mãe, Carmen Silvia Meyer Miranda, é professora.

Casamento

Sou casado há oito anos. O nome do meu esposo é Omar. Nós fizemos um contrato de união estável homoafetiva, tudo conforme a legislação permitida no Estado do Rio Grande do Sul. Embora não seja alvo de muito preconceito, ainda percebo bastante discriminação no estado, apesar de este ser um dos estados com a legislação mais avançada. Quando fizemos um contrato de união estável na cidade de Caxias do Sul, o escrivão nos

parabenizou porque essa atitude deve ser tomada. Existe preconceito, mas temos de assumir, não podemos mascarar. Ninguém é obrigado a gostar, mas respeitar, sim. Devemos respeitar as diferenças, porque todo ser humano merece respeito.

Ensino superior

Cursei duas faculdades: Turismo e Hotelaria. No fim do curso de Hotelaria, tive aula com o chef francês, Jean-Claude Harold Lethie, ex-chef do Sheraton do Rio de Janeiro, e me apaixonei pelas aulas de cozinha. Na parte teórica, quem sabe essa foi a matéria em que tirei a nota mais alta durante o curso. Gostei tanto que, quando acabou a disciplina, disse para o professor que gostaria de ser cozinheiro. Nesse período, ele estava abrindo um restaurante em Balneário Camboriú, no Hotel Fischer, e me deu o emprego de cozinheiro. Comecei exatamente como o pupilo de um chef, e ele me



ensinou as práticas de cozinha. Aos trancos e barrancos, iniciei fazendo a comida dos funcionários e mais tarde passei a trabalhar na confeitaria do restaurante, ajudando o chef em tudo o que ele precisava. Durante um ano e meio, lavei muita louça e panela. Esse aprendizado foi importante, porque a profissão de chef de cozinha não é regulamentada ou adquirida na teoria, é preciso ter vivência prática.

Experiências profissionais

Comecei trabalhando com o professor Harold, no Fischer Hotel. Antes de me formar no curso de Hotelaria, fiz um estágio no Queen's Restaurante, em Joinville.

De estagiário passei a chef de cozinha num restaurante da rede de Hotéis Accord, um hotel cinco estrelas; foi minha primeira chefia. Nessa época, tinha 24 anos, então tive que assentar bem a minha cabeça, para delegar, ensinar — um chef de cozinha sempre

tem que ser um professor —, lidar com os conflitos de funcionários. Fiquei oito meses nesse restaurante, e servi o ex-presidente da república, Fernando Henrique Cardoso — o que é muito bom para um currículo de um chef de cozinha. Acabei brigando com o dono do restaurante — gurizão sempre acha que tem razão —, levei um cartão vermelho e fui demitido. Mas quem nunca foi demitido um dia na vida? Comecei, então, a trabalhar em eventos, e já era conhecido na cidade. Lembro que tinha um Gol, colocava tudo dentro do carro e fazia mil viagens, coquetéis, contratava garçons. No meio disso tudo, no final de 1998, ligou um amigo meu no dia dos finados — nunca esqueço —, me convidando para ser chef na Caponga, no Ceará. Não deu dez dias e eu me mudei de mala e cuia para lá, onde assumi a chefia do Resort de praia Village Barra Mar. Lá, encontrei outra realidade: tínhamos de chamar o dono do hotel de doutor ou coronel — era um negócio do outro mundo. Fiquei cinco meses chefiando esse resort de praia, foi uma superexperiência porque uma média de 800 pessoas por dia frequentavam o local (*day use*), as piscinas, bares e restaurantes à beira-mar do resort. Lembro que eu colocava uma escada na cozinha, subia e ficava mandando como um general, em 16 cozinheiros — boa parte da minha careca vem de lá.

Vi que estava muito estressado, e aí resolvi trabalhar numa barraca de praia de noruegueses que só atendiam escandinavos, em Fortaleza. É impressionante que os noruegueses e escandinavos ficavam numa barraca, os alemães e italianos em outras e os suíços também; quando eles se misturam, brigam. Depois de três meses trabalhando nessa barraca que funcionava 24 horas, pensei: “O que estou fazendo aqui? Fazendo carne de sol na manteiga de garrafa? Estou fritando peixe, depois de tudo que estudei?”. Então, voltei para Joinville, onde fui morar com meus pais, outra vez.

Carreira acadêmica

Um dia tocou o telefone e perguntaram se eu gostaria de dar aula no Senac, num curso de cozinheiro. Nunca

tinha pensado em ser professor. Como estava precisando de um emprego, trabalhar e para pagar as contas, aceitei. Adorei! Depois fui professor de um curso de confeitaria, o qual pensei que seria um grande sucesso. Aconteceu que fui dar esse curso e meus alunos tinham 30 anos de experiência em confeitaria, e me davam um baile, porque eu tinha conhecimento teórico e pouco prático. Aprendi que nunca mais entro numa sala de aula sem dominar o conteúdo. O curso foi um caos, mas eu tomei essa lição na minha vida.

Formação curso universitário

Nesse meio tempo, a minha irmã, que era repórter do jornal de Santa Catarina, em Blumenau, fez uma

“A melhor cozinha é aquela que me dá as lembranças de infância.

Gosto muito da culinária brasileira, principalmente agora que está ganhando o devido destaque e respeito pela mídia”

entrevista com Rodolfo Krause, antigo professor do curso de Hotelaria, sobre um curso de Gastronomia que ele estava montando na Univali. Ele viu o sobrenome dela e perguntou se conhecia o Rodolfo, de Joinville. Ela confirmou que era seu irmão, e então ele me ligou convidando para ajudar a estruturar o primeiro bacharelado em Gastronomia no Brasil, e também para comandar o Restaurante Universitário. Nessa universidade, fui treinado para ser professor efetivamente, com todas as práticas pedagógicas. Fiz minha especialização com formação para docência no ensino superior. Recebi também os chefs de fora, organizei lista de

compras, material. Desenvolvi bastante prática, e, em seguida, a Univali me enviou para o Senac São Paulo, fazer um curso com o CIA (Culinary Institute of America) de habilidades básicas e técnicas de cozinha. Depois de três meses, ao concluir o curso, comecei a lecionar até que eu vim parar no Rio Grande, por vias afetivas.

Alimentação do chefe

Tenho uma alimentação bastante regrada. Minhas refeições pontuais são café da manhã, almoço e janta, porque como muito durante os períodos em que não se deveria comer. Quando dou aula de culinária portuguesa, às 9h da manhã, como um bolinho de bacalhau. O professor de gastronomia só dá o *feedback* quando experimenta o preparo do aluno. Então, preciso degustar tudo. Imagine uma turma de 30 alunos, divididos em seis grupos e produzindo seis preparos cada: é uma quantidade enorme de alimentos. Por isso, eu procuro fazer exercícios para manter a forma.

Emoções de cozinheiro

Sempre tenho uma vertente técnica. Escolho uma receita e procuro analisar as técnicas de cozinha para fazer o procedimento correto. O prato vai nascendo, se formando, os aromas vão se fundindo, a comida vai ganhando forma, cor. Então, começa o toque do artista que aplica determinados temperos para melhorar o sabor.

Cozinho bastante para amigos e gosto de comer quase tudo, mas não gosto de mondongo. Quando a minha sogra fazia, eu tinha que comer, mas não gostava. Tenho uma predisposição muito grande a peixes do mar, por ser catarinense. Joinville fica próximo da ilha São Francisco do Sul, na qual a minha família tem uma casa, então desde criança eu estava na ilha pescando ou vendo meu pai assar um peixe.

Melhor culinária

Sempre vai ser a do meu país, a do Brasil. A melhor cozinha é aquela que me dá as lembranças de infância. Gosto